



# ENTREMEIOS

Programa Mediação de Conflitos e o protagonismo  
comunitário no enfrentamento às violências



Programa  
Mediação de  
Conflitos

JUSTIÇA E  
SEGURANÇA  
PÚBLICA



MINAS  
GERAIS

GOVERNO  
DIFERENTE.  
ESTADO  
EFICIENTE.

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS  
Romeu Zema Neto

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS  
Paulo Eduardo Rocha Brant

SECRETÁRIO DE ESTADO DE JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS  
Rogério Greco

SUBSECRETÁRIA DE PREVENÇÃO À CRIMINALIDADE  
Andreza Rafaela Abreu Gomes Meneghin

SUPERINTENDÊNCIA DE POLÍTICAS DE PREVENÇÃO À CRIMINALIDADE  
Flávia Cristina Silva Mendes

DIRETORIA DE PREVENÇÃO COMUNITÁRIA E PROTEÇÃO À MULHER  
Tatiane Carvalho Maia Lobenwein  
Gabriella Gomes Pinto  
Maressa de Cássia Gonçalves Aguiar  
Nayanne Stephanie Gonçalves Amaral  
Poliana de Oliveira Pinto

---

#### INSTITUTO ELO

DIRETOR PRESIDENTE  
Gleiber Gomes de Oliveira

DIRETOR DE PESQUISA E  
DESENVOLVIMENTO TÉCNICO  
Fabiano Neves Alves Pereira

DIRETOR INSTITUCIONAL  
Alexandre Guilherme de Araújo Compart

SUPERVISÃO METODOLÓGICA –  
PROGRAMA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS  
Daniele Trindade Mesquita  
Daniel Carvalho Ferreira  
Poliana Cristina dos Santos

---

REVISÃO  
Natália Conte

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO  
Erika Woelke

FOTOS E ILUSTRAÇÕES  
Acervo PMC / Shutterstock / Adobe Stock / Freepik

---

#### ORGANIZADORES | COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO PROGRAMA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

Tatiane Carvalho Maia Lobenwein  
Maressa de Cássia Gonçalves Aguiar  
Nayanne Stephanie Gonçalves Amaral  
Gabriella Gomes Pinto  
Daniel Carvalho Ferreira  
Thaísa Karina Dos Reis De Oliveira  
Hellen Brito Santos  
Geane Alves Vieira De Sá  
Amanda Beatriz De Sousa Soares  
Deborah Ferreira Cavalcante  
Fernando Meira Mota

**ENTREMEIOS: PROGRAMA MEDIAÇÃO DE  
CONFLITOS E O PROTAGONISMO COMUNITÁRIO  
NO ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS**

68 páginas – 2º semestre – 2022

# AGRADECIMENTOS

No início de 2022 o Programa Mediação de Conflitos, através da Comissão de Comunicação, criada em 2021, convidou equipes técnicas, gestores sociais, supervisores metodológicos, referências comunitárias e parceiros da rede das localidades onde atua, a contribuir com a escrita desta Revista. Agradecemos então, de modo especial, a todos aqueles que compartilharam vivências e ideias desenvolvidas em suas comunidades e territórios.

Agradecemos ainda a todos que, diariamente, compartilham saberes junto ao Programa Mediação de Conflitos há tantos anos!



## SUMÁRIO

### 4 EDITORIAL

---

### 5 INTRODUÇÃO

---

### 8 PARTE I: MOBILIZAÇÃO SOCIAL E COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA



### 26 PARTE II: PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NA EXECUÇÃO DO PMC PARA PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS



### 44 PARTE III: DIÁLOGOS COM A REDE, PREVENÇÃO E O ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS ATRAVÉS DE PRÁTICAS TRANSVERSAIS



### 60 ENCERRAMENTO

---

# EDITORIAL

**Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...**

**Paulo Freire**

Alguns nomearão o material que você tem em mãos de “revista digital”, outros como “produção de saber”, mas eu nomearei como “arte”! Arte é aquilo que extrapola o concreto, potencializa no nosso olhar os sentidos, transborda talento, enche nossos olhos de vivacidade. É a expressão do artista e seus desejos de alcançar aquilo que ainda não foi descrito.

Aqui, as palavras não são estáticas: elas têm sentido, gosto, movimento, ação, lugar no tempo. Elas estão **EntreMeios**, ou seja, elas serão apresentadas pelos artistas em um diálogo fluido entre as perspectivas teóricas e a conjuntura a qual ela é praticada.

Nas próximas páginas, o Programa Mediação de Conflitos será traduzido pelos olhos dos moradores das áreas em que atuamos, dos profissionais desta política de segurança pública e dos parceiros que caminham lado a lado. Eles serão os artistas que apresentarão como é possível gerar transformação social ao primar pela escuta qualificada e construção de ações a várias mãos. São eles que irão mostrar a arte de se “esperançar”, enfatizando o **protagonismo comunitário**.

E falando em protagonismo comunitário... o que seria desta política de segurança pública sem as múltiplas ações construídas com a força social? Mais do que moradores, atendidos e parceiros, **aqueles que caminham com o programa são parte dele e de sua história**. São pessoas de locais e realidades distintas que, ao se juntarem, desenvolvem uma segurança pública cidadã comprometida **com a vida!**

O que as próximas páginas retratam é o resultado de **17 anos de construção a várias mãos**. São ações que não seriam possíveis sem a contribuição de todos aqueles que marcaram e continuam marcando o caminho desta política pública.

Ter em nossas mãos essa arte é extremamente gratificante e partilhar com você é um **ato de se “esperançar”!**

**Tatiane Carvalho Maia Lobenwein**

Diretora | Programa Mediação de Conflitos  
Diretoria de Prevenção Comunitária e Proteção à Mulher



# INTRODUÇÃO

## Um Breve Histórico...

Em 2015 o Programa Mediação de Conflitos lançou a Edição Comemorativa da **Revista Entremeios**, na qual foram destacadas diversas práticas e reflexões sobre a atuação do PMC até ali. Foi um marco importante na trajetória do programa, que contou com a contribuição enriquecedora de profissionais e parceiros de diversos territórios de Minas Gerais.

De lá pra cá, foram inúmeras construções que caminharam no sentido de reforçar a identidade do programa, voltada para o fortalecimento da participação social na prevenção e enfrentamento às violências.

Em 2020, fomos todos surpreendidos com a pandemia do coronavírus, que impactou as diversas áreas e contextos de nossas vidas. Não foi diferente nos diversos territórios onde a Política de Prevenção à Criminalidade está presente, sobretudo pelas diversas vulnerabilidades já anteriormente vivenciadas pelos moradores. A atuação do PMC precisou se reinventar e se adaptar durante um período, através da busca por novas formas de se relacionar, acessar, interagir, mobilizar e comunicar!

Em 2021, em meio a vários esforços e feito por muitas mãos, foi lançado o Livro **“Programa Mediação de Conflitos: mediação comunitária para enfrentamento às violências”**, como mais um passo para reforçar nossa compreensão sobre os conceitos e métodos envolvidos nas diversas ações do programa.

Logo, para aprimorar as estratégias utilizadas pelo programa, foi criada a Comissão de Materiais, com a participação de analistas sociais do PMC, supervisão metodológica e a diretoria do programa para contribuir com a criação de instrumentos para uso na divulgação institucional nos territórios. Este primeiro momento gerou a produção de vídeos e flyers que buscaram atender as necessidades das equipes diante daquele contexto que ainda carregava os reflexos da pandemia.

Dito isto, pensar a mobilização social neste período foi bastante desafiador. Afinal, este é um programa que essencialmente se desenvolve “à céu aberto”, a partir do contato



Publicação Programa Mediação de Conflitos – 2009



Publicação Programa Mediação de Conflitos – 2010



Revista Entremeios – 2015



Publicação Programa Mediação de Conflitos – 2021

Encontro de Formação  
“Desafios da Mobilização  
Comunitária” (Fevereiro/22)



com o próximo, do fomento ao diálogo. Contar com inúmeras referências comunitárias e as redes que compõem o território foi indispensável para superar os desafios, além de reforçar a importância da participação social e comunitária na construção das estratégias do PMC.

Entendemos então que, mais do que pensar meios para ampliar a divulgação do programa, é importante destacar os meios que potencializam a mobilização e organização comunitária no contexto da segurança cidadã. Assim a Comissão de Materiais se tornou Comissão de Comunicação, com o objetivo de pensar sobre os aspectos da comunicação e mobilização social que podem contribuir para a participação comunitária e articulação das diversas redes.

Dessa forma, neste ano de 2022, a edição da Revista Entremeios destaca a importância da **comunicação e participação social** para o enfrentamento às violências. Trata-se de um saber em construção por atores institucionais, mas o que se destaca aqui é o **saber comunitário que se manifesta através** da participação contínua das comunidades no aperfeiçoamento das estratégias para enfrentamentos aos desafios dos territórios, especialmente no campo da segurança cidadã, prevenção e enfrentamento às violências.

A proposta deste conteúdo é de compartilhar várias reflexões, vivências e experiências, além de convidar a todas e todos a participarem do aperfeiçoamento contínuo desta política pública, a partir do exercício da cidadania e do protagonismo comunitário.

Esta é, portanto, uma publicação feita a várias mãos e por muitas vozes! Compartilhadas aqui para que novas ideias surjam e sejam construídas pelos próximos anos nessa história entre o Programa Mediação de Conflitos, as comunidades e os parceiros do PMC, história essa que já vem durando 16 anos.

“A verdadeira comunicação não admite uma só voz, um só sujeito, a transmissão, a transferência, a distribuição, um discurso único, mas sim a possibilidade de muitas vozes, alteridade cultural, independência e autonomia dos sujeitos, inúmeros discursos, enfim, estruturas radicalmente democráticas, participativas, dialógicas”.

(Paulo Freire, 1987)

LINHA DO TEMPO  
**PROGRAMA  
MEDIÇÃO DE  
CONFLITOS**

**Algumas das principais ações e  
publicações do PMC**



# MOBILIZAÇÃO SOCIAL E COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA





O Programa Mediação de Conflitos tem desenvolvido suas práticas a partir dos basilares da segurança cidadã e da mediação comunitária para o enfrentamento às violências. Entende-se que a segurança pública só é efetivada a partir da perspectiva cidadã na medida em que conte com a participação dos mais diversos públicos – pessoas, grupos, instituições, poder público e sociedade civil – em torno do debate e construção de ações para enfrentamento às violências.

A mediação comunitária traz, além dos princípios e técnicas da mediação enquanto método que auxilia na administração dos conflitos, a importância da construção comunitária nesse contexto. Entende-se que as estratégias pensadas coletivamente contribuem para as situações individuais, e vice-versa.

A mediação comunitária é uma forma de resolução de conflitos que inclui a sociedade, uma vez que o cidadão é conduzido para despertar a consciência dos seus direitos e deveres e tornar-se empoderado para resolver seus conflitos de forma autônoma e pacífica. Desta forma, podemos observar o quanto está atrelada a mediação comunitária com os processos de mobilização social, visto que ambos têm como foco cidadãos ativos nas resoluções de suas demandas e conflitos. (BARROS e CORREIA, 2020)

Podemos compreender a mobilização social como um processo político, essencial para que haja democracia. Quando pensamos neste conceito, é importante ressaltar que se trata de unir pessoas com demandas comuns em prol de um interesse coletivo. O objetivo principal envolve fomentar a participação popular e a autonomia das pessoas, de forma a auxiliar no processo de **emancipação dos sujeitos** e de que estes se tornem agentes de transformação de seu próprio meio.

Desta forma, podemos nos perguntar: *qual a importância de mobilizar?* Através da mobilização, é possível trabalhar diversas situações de conflitos que surgem como objetivos coletivos dentro de um determinado grupo ou comunidade, bem como fortalecer a sensação de pertencimento dos envolvidos. A mobilização auxilia no processo de elaboração e redefinição de práticas necessárias a uma comunidade, além do uso de instituições, recursos materiais e imateriais disponíveis. Partindo desses pressupostos, é necessário pensar em formas de realizar essa mobilização e para isso, não podemos nos afastar da ideia de que para que essa ação seja assertiva, os envolvidos precisam se identificar com a causa deste movimento.

A mediação comunitária é, pois, a justiça que emerge de uma prática social transformadora, reconhecendo o protagonismo da comunidade e a sua vocação para a construção de seu futuro com autonomia, cooperação, responsabilidade e solidariedade.

(FOLEY, 2010)

## **“Mobilizar é despertar o olhar de possibilidade no outro”** (Ernauro Feijó)

Ação Grande Cabana com Vida – UPC Cabana



O Programa Mediação de Conflitos segue mobilizando através da vinculação com o público atendido e referências das áreas de abrangência, observando as particularidades e demandas de cada território. Essas ações ocorrem por vezes, através da realização de rodas de conversa, a fim de fomentar o fortalecimento do capital social já existente e da promoção de espaços de reflexão e identificação de demandas coletivas. O PMC também utiliza de divulgações por meio de panfletos, *flyers*, atendimentos itinerantes, divulgações institucionais e comunitárias, dentre outros.

E você aí deve estar se perguntando: **mas o que mobilização tem a ver com comunicação?**

A comunicação faz parte do nosso cotidiano, uma vez que intermedia nossa relação com o mundo e as pessoas, com o que é diverso e plural. O conceito de comunicação vem do latim *communicare*, que significa tornar comum, compartilhar, trocar opiniões, associar. Logo, comunicar implica num processo de participação ativa e não apenas na emissão e recepção de mensagens ou informações.

“Para existir comunicação, portanto, é preciso mobilização de ideias, sentidos diferentes, pessoas, lugares, interesses, processos.

Mobilizar é movimentar, articular, envolver para multiplicar” (TORO; WERNECK, 2004).

Em suas práticas, o Programa Mediação de Conflitos tem destacado a importância do contexto – tudo aquilo que perpassa os territórios e comunidades – aspectos culturais, sociais, econômicos, entre outros – que fazem

parte das vivências e relações estabelecidas naquele local. Além disso, a forma como se estabelece a comunicação é estratégia imprescindível dentro do processo de organização comunitária.

Mais do que pensar apenas nos meios de se transmitir uma informação, percebe-se a importância de que elas façam sentido, que reflitam os interesses e necessidades dos moradores e que tenham a “cara” da comunidade! Que aconteça onde a vida comunitária se dá e que também seja produzida por aqueles que se reconhecem e compartilham interesses.

**A mobilização só é efetiva por meio de uma comunicação clara, informativa e que estimule o diálogo. Ela é um ato de comunicação que não se confunde com propaganda ou divulgação, mas exige ações de comunicação no seu sentido amplo, como processo de compartilhamento de discursos, visões e informações (TORO; WERNECK, 2004)**



Temos acesso a diversos meios e veículos de comunicação – TV, rádio, jornais, a internet, as mídias e redes sociais, a imprensa em suas várias formas, entre muitas outras – que transmitem informações, notícias, que divulgam, convidam e que também mobilizam. Mas a comunicação da qual estamos falando é ainda mais específica: é chamada de **Comunicação Comunitária**. É mais do que pensar os meios pelos quais qualquer mensagem será transmitida, mas principalmente, como a diversidade de interesses e necessidades de uma determinada localidade, grupo ou comunidade são expressados, compreendidos e compartilhados.

No Brasil, o conceito de comunicação comunitária tem sido discutido por diversos pesquisadores, grupos e organizações da sociedade civil. Pode-se falar que significa:

(...) o canal de expressão de uma comunidade (independente do seu nível socioeconômico e território), por meio do qual os indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes. De ser um instrumento de prestação de serviços e formação do cidadão, sempre com a preocupação de estar em sintonia com os temas da realidade local. (DELIBERADOR, VIEIRA, 2005, p. 8).

Logo, falar de Comunicação Comunitária é dizer dos meios de expressão feitos **para e pela** própria comunidade, a partir de processos de organização comunitária que levam em conta os aspectos geográficos, sociais, culturais, políticos, entre outros, onde possa haver a manifestação de interesses e necessidades comuns e também diversos. Tem como ponto chave a **participação ativa e protagonismo dos moradores** em todo o processo de construção e disseminação da informação/mensagem. Trata-se, portanto, de um processo

de **construção da comunicação** baseado em princípios e valores de convivência comunitária que se traduzem em um espaço para o exercício dos direitos humanos.

Com isso, também ocorre o fortalecimento do **exercício da cidadania** e da **participação social**. A comunicação comunitária traz em seu conceito a importância do sentido de comunidade, dos vínculos e laços de solidariedade e confiança, o senso de pertencimento, a possibilidade de aprendizado e troca em prol de objetivos comuns.

## **Comunicar também é se relacionar!**

Quando olhamos para relações onde os conflitos e violências estão presentes, a comunicação também irá refletir essa forma de interação. Para que ela aconteça de forma a contemplar os interesses e necessidades diversos que cada pessoa, comunidade e contexto demandam, a qualidade deste relacionamento também será observado. A comunicação a partir do uso de linguagem e recursos violentos e/ou que reproduzam violências e discriminações aumentam a probabilidade do desdobramento de conflitos em situações de violência e criminalidade, seja no âmbito físico ou virtual.

## **ARTICULAR = comunicar e relacionar**

Historicamente o Programa Mediação de Conflitos tem contado, cada vez mais, com aquelas que chamamos de **Referências Comunitárias**. Estas são moradores que atuam de modo formal (a partir de funções específicas, como líder comunitário, por exemplo); ou informal na mobilização

“(…) Com este ‘trabalho’ em reunir a comunidade e aprender a lutar pelos nossos direitos de uma forma civilizada, estou então sendo reconhecida como referência comunitária dentro e fora do nosso bairro. Hoje sou uma referência comunitária que consegue atuar com intervenção nos conflitos diários e cotidianos dos moradores. Com o auxílio da equipe de analistas do Programa Mediação de Conflitos no Via Colégio, criamos o “Encontro de Mulheres do Alto São Cosme”, com o objetivo de acolher as mulheres que vivem algum tipo de violência e apresentar a rede formal e informal de apoio, além de criar um vínculo com essas mulheres vítimas de violência na comunidade, como uma forma de prevenção e enfrentamento às violências.

Não posso esquecer também, que foi com o suporte e orientação do PMC Via Colégio, que conseguimos nos organizar e enfim dar início ao registro da “ASCA – Associação Alto São Cosme em Ação”, um espaço que será de toda a comunidade. Entretanto, este será parte de um novo capítulo a ser contado, da nossa história de sucesso com o Programa Mediação de Conflitos...”.



**Claudiana Aparecida de Almeida**

Moradora e referência comunitária no bairro Alto São Cosme, em Santa Luzia/MG

e organização comunitária em torno de demandas e situações coletivas, mas também individuais. Fazem circular a palavra em suas comunidades, dos mais diversos modos.

A organização comunitária se dá a partir da articulação e mobilização do **capital social**, tendo a comunicação também como meio, haja vista a importância do vínculo, diálogo e da troca para a construção conjunta e conseqüentemente para a mobilização em torno de um interesse comum. Intervir nos processos de interação e relação comunitária pode contribuir para a organização e empoderamento local, se mostrando efetivas para o contexto de prevenção às violências.

**Mobilização e a comunicação, portanto, caminham juntas!** E algumas perguntas são importantes nesse processo:

- ▶ Conheço o lugar onde moro?
- ▶ As pessoas que compartilham desse lugar comigo?
- ▶ Sei onde as pessoas se encontram, se reúnem, o que desejam e precisam?
- ▶ O que precisamos fazer para superar os problemas comunitários?



De acordo com Mafra (2010, p. 11) é importante entender que a **“mobilização como prática social envolve, necessariamente, o estabelecimento de redes de relações que somente é possível por meio de ações de comunicação”**. Se formos capazes de manejar informação em comum, podemos nos organizar melhor e lidar com as diferenças.

As Referências Comunitárias são, neste contexto, pessoas fundamentais para a mobilização e fomento à participação social, com habilidades e conhecimentos específicos do território, atuando ainda como ponte entre pessoas, grupos e instituições.

## **“O impacto que queremos causar na sociedade é trazer fortalecimento para as mulheres, empoderamento e determinação”.**

Esta fala é o objetivo que as lideranças comunitárias, Naiara Rocha, Mirielle França e Laís Barbosa, que representam o projeto Geração GK defendem na Ocupação Guarani Kaiowá, na regional Ressaca, em Contagem. Estas mulheres não medem esforços para mobilizar a comunidade, principalmente referente às ações de alcance coletivo. Elas e outras referências contribuíram com a equipe do Mediação de Conflitos, na estruturação de uma ação que abordasse, não só sobre a celebração que a data do dia 08 de março propõe, mas também uma ação que ofertasse um lugar de fala, para as mulheres moradoras do microterritório e que pudesse trazer a realidade da violência contra mulher, sem muitos rodeios.

Naiara foi atendida em 2020, remotamente durante a pandemia, pela equipe, com demanda de violência doméstica, sendo construído com ela, encaminhamentos para a rede de proteção à mulher vítima de violência doméstica, inclusive com acesso à medida protetiva. A liderança conta que partindo de uma situação vivenciada por ela, e, compartilhando com as outras lideranças, que já atuam voluntariamente em outras ações de mobilização social, uniram-se para envolver outras moradoras, com vivências parecidas e assim, construíram em conjunto, o “Café com Mulheres”, um encontro com moradoras da ocupação, com a proposta de dialogar, trocar experiências e, principalmente, se fortalecerem

enquanto rede de proteção informal, composta só por mulheres. Com os encontros, Naiara, Mirielle e Laís relatam que pretendem trazer para as participantes que: *“...é preciso saber que lá fora existe um mundo que precisa delas empoderadas, para lidar com os enfrentamentos e se impor”.*

Neste sentido, partindo de uma escuta de quem vivencia o território e conhece a realidade, a equipe do Programa Mediação de Conflitos se junta com a experiência dessas lideranças e seus poderes de mobilização, para construir a “Semana do Combate à Violência Contra a Mulher – Dias de Luta!, que oportunizou uma reflexão sobre as violências tipificadas na Lei Maria da Penha e os desafios que estas mulheres encontram para romper com o ciclo da violência, bem como a desigualdade de gênero, que ainda coloca o homem na sociedade, numa posição de vantagem. A referida ação aconteceu exatamente no dia 08 de março de 2022, iniciando com um cortejo rumo ao “pé de manga”, ao ar livre, num espaço público, de grande importância para os moradores locais, um lugar de encontros, onde se formou uma roda de conversa, com muita troca.

No que depender da equipe do Programa Mediação de Conflitos, esta parceria continua, com perspectivas de novas ações. Pois, para o programa, a premissa é construir e fazer junto, somando àquilo que já acontece e será sempre um privilégio estar junto a essas mulheres, que representam uma geração que se mobiliza para construir redes de apoio, no enfrentamento às violências.

**Luximar Araújo e Tatiane Bortolini**

Analistas Sociais – UPC Ressaca,  
Contagem/MG





Até aqui temos visto a **importância da mobilização e da comunicação**, mas qual impacto ela pode trazer em um território e na vida das pessoas que o pertencem? *Será que ela realmente tem o poder de prevenir as violências?*

Na correria do dia a dia, a tendência tem sido o distanciamento social, onde muitas vezes as pessoas fecham os olhos para os problemas sociais não sabendo de que forma poderia exercer seu papel dentro de uma comunidade ou como e onde intervir em meio a tantas situações desafiadoras perpassadas por um alto índice de violência e, muitas vezes, de criminalidade.

A mobilização tem um papel muito importante dentro de um território, contribuindo para que o impacto causado pelas violências seja minimizado através de um trabalho preventivo ou até mesmo através de uma intervenção assertiva em determinadas situações. Assim, torna-se claro que a mobilização social e

## Para saber mais!

- ▶ **Fatores de risco:** fatores sociais, culturais, econômicos, geográficos e políticos que podem **umentar** a chance de que uma situação se desdobre em crime e/ou violência.
- ▶ **Fatores de proteção:** fatores sociais, culturais, econômicos, geográficos, políticos que podem contribuir para que a situação de conflito não se desdobre em crime e/ou violência.
- ▶ **Capital Social:** o capital social pode ser entendido como um conjunto de normas, redes e relações de confiança que existam dentro de determinados grupos ou comunidades, que por sua vez, contribuem com a busca de objetivos comuns.

comunitária possibilita a disseminação das respostas aos conflitos de forma mais ampliada e extensa, emancipando assim os sujeitos, e proporcionando formas pacíficas para a resolução das violências manifestadas no território.

Na prática diária do Programa Mediação de Conflitos junto às comunidades, podemos ver o quanto uma comunidade mobilizada, com seu capital social fortalecido pode ter um papel muito importante na diminuição da criminalidade do território em que se propõe a atuar. Tomemos como exemplo uma situação que tem acontecido no bairro Bom Jardim na cidade de Ipatinga, onde a comunidade tem se queixado de um pergolado que foi colocado na praça central do bairro se tornando lugar propício para o tráfico e furtos devido à falta de iluminação, diante disso a comunidade não tem se apropriado mais do local, o qual era visto como local de lazer dos moradores, devido ao medo e sensação de insegurança.

(...) à medida que todos **se sentem parte do processo** e se enxergam como atores e **agentes de seu coletivo**, nasce o que podemos chamar de **corresponsabilização**. Todos presentes e juntos para o desenvolvimento de algo ímpar, que foi **gerado e gerido coletivamente**. A formação de comunicadores comunitários busca promover ideários únicos. Como mediadores do processo, não nos cabe construir uma ideologia coletiva, mas propor processos educativos que garantam, a cada indivíduo, desenvolver sua própria crença, valores e orientação política. Inevitavelmente, porém, este caminhar promove uma cultura de direitos humanos onde estarão presentes o respeito e valorização da alteridade (o diferente e o mesmo), a compreensão da igualdade e justiça social, a **articulação comunitária** e o **fortalecimento da cidadania** para o desenvolvimento local.

(ROSENFELD, 2011)

**“A mobilização é, assim, um processo comunicativo de interlocução e de interação entre os sujeitos que agem coletivamente em prol da segurança pública”**

**(HENRIQUES, 2010).**



“(…) Participo dos vicentinos, uma organização de leigos católicos e voluntários que buscam ajudar os mais necessitados, promovendo a dignidade e integridade da pessoa, e também coordeno um grupo de mulheres da comunidade que acontece no terraço da minha casa, onde essas mulheres aprendem e ensinam artesanato, em um espaço de convivência e geração de renda. O objetivo desta iniciativa é proporcionar a inclusão produtiva de mulheres de baixa renda, através do artesanato. (…). No entanto, durante a pandemia as atividades foram suspensas e com isso o grupo se dispersou. Através das intervenções feitas pela equipe, pudemos compreender que nosso relacionamento deve ser **horizontal**, as **decisões são tomadas por todas nós**, que o grupo fez muita falta para todas, não apenas para mim, tornando assim a retomada do grupo um **objetivo comum** que beneficia a todas. (…) o funcionamento do grupo auxilia na geração de renda familiar, **fortalece o vínculo** e também serve como **ferramenta** para o desenvolvimento do **compromisso comunitário**, e **cria laços** entre as mulheres participantes. (…) O nosso grupo agora recebe outras mulheres da comunidade, mesmo não sendo objetivo principal do grupo, tem ajudado muito nas questões pessoais como depressão e **acesso à informação**, criando vínculos. É maravilhoso ainda contar com o apoio da equipe do Mediação, pois quando há necessidade, nós e nossa família somos atendidos de forma individual pelo Programa”.

### Sebastiana Souza Duarte Silva, “Taninha”

Moradora e Referência Comunitária do  
Bairro Esperança, em Ipatinga/MG

### Helem Brito

### Livia Fernanda Queiroz

Analistas Sociais Programa Mediação de Conflitos  
– UPC Bom Jardim/Esperança, Ipatinga/MG



A comunicação para a mobilização social torna-se elemento importante, tendo em vista que é ela que possibilita e fortalece a participação social na construção das saídas para os problemas e questões vivenciadas pela comunidade. Ao mesmo tempo em que organiza interesses e necessidades, também contribui na formação e educação para a cidadania.

## E na prática, o que tem acontecido?

O Programa Mediação de Conflitos tem ao longo dos seus 16 anos aprimorado sua metodologia, de modo a fomentar e potencializar continuamente a participação social – desde a análise da dinâmica das violências e contextos, até a construção e execução de intervenções criativas e inovadoras. Ao longo desta publicação, apresentamos as diversas atividades que têm sido desenvolvidas COM e PELAS comunidades!

Cada uma dessas ações, além de buscarem atingir um objetivo mais amplo como promover meios pacíficos de administração de conflitos, também destacam a participação comunitária como fundamental para esse contexto. São exemplos, portanto, de ações que têm sido desenvolvidas no âmbito da prevenção e enfrentamento às violências, nos territórios que compõem a área de atuação do Programa Mediação de Conflitos em Minas Gerais.

## 1. Divulgar | Informar | Sensibilizar:

*Panfletagem, campanhas, cortejos, blitz, carreatas, eventos em datas específicas (Agosto Lilás, Setembro Amarelo, Maio Laranja, 21 dias de ativismo)*

Cortejo – Enfrentamento à violência contra a mulher – UPC Taquaril (Março/22)



Ação de enfrentamento à violência contra as mulheres no âmbito estadual (Março/2022)



Caminhada Lilás – UPC Olavo Costa, Juiz de Fora/MG (2021)

## Relato de experiência

*Meu nome é Gleibe Mary, tenho 49 anos, 3 filhos adultos que criei sozinha, 2 netos e sou atendida pelo programa Mediação de Conflitos. Gostaria de contar minha experiência com esse programa que conheci através de um panfleto que encontrei na rua. Fui atendida há 06 anos, quando estava fragilizada, sofrendo muitas violações de direitos e com meu emocional abalado em razão de um dos meus filhos ter se tornado dependente químico.*

*Me sentia impotente perante essa situação, me julgava culpada pelo vício dele, enfim, não conseguia me posicionar perante a situação que estava vivendo. Porém, a partir dos atendimentos no Programa Mediação de Conflitos Via Colégio, fui compreendendo o que poderia fazer e quais as minhas “obrigações” e posicionamentos diante desta situação. Aprendi a “delegar” a cada um, a responsabilidade pelos seus atos, me fortaleci, passei na faculdade de Serviço Social, me formei e hoje sou uma assistente social. Minha filha caçula, me vendo fortalecida e empoderada, também fez faculdade; hoje é uma farmacêutica.*

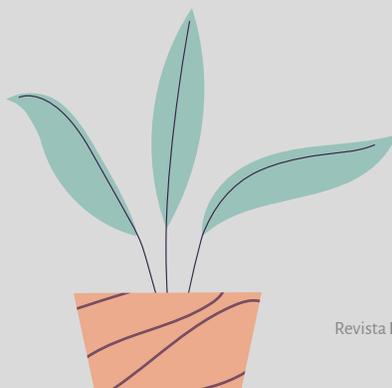
*Me tornei referência comunitária do meu bairro, criei um grupo de mulheres que chamamos de “Mulheres em Foco”, para podermos ajudar umas às outras, contamos sempre com a orientação da equipe de analistas do Programa Mediação de Conflitos. Tenho muito a agradecer ao programa, que entrou em minha vida e me ajudou a mudar minha realidade e dos meus filhos, inclusive com a possibilidade hoje de ajudar muitas mulheres, que assim como precisei no passado, hoje precisam de ajuda. Nosso grupo já se reuniu com outros grupos de mulheres em outros bairros, que também acolhem e são instrumentos no fortalecimento e empoderamento de mulheres que tanto precisam de nossa ajuda.*



*Acredito que ainda há um enorme caminho a ser percorrido, entretanto, o primeiro passo já foi dado, não podemos parar! Um pensamento que nunca me abandona: **Juntas somos mais fortes e podemos conquistar todos nossos ideais, sororidade sempre e assim vamos um passo de cada vez na conquista de nosso espaço e na realização de nossos sonhos.***

**Gleibe Mary**

Moradora e referência comunitária no bairro São Benedito, em Santa Luzia/MG



## 2. Organizar ideias e interesses, fortalecer vínculos e coletivizar demandas:

Reuniões, encontros comunitários, rodas de conversa, mediação coletiva, fóruns e encontros de rede.

UPC Olavo Costa, Juiz de Fora/MG  
Formação em Saúde e Violência contra a mulher – Ação em rede



“Pedreira Prado Lopes, é área de vulnerabilidades, mas também de muito potencial! Lugar onde nós, as moradoras mulheres, nos enfeitamos para enfeitar a vida; nos ajeitamos para dar conta dos muitos problemas, militamos contra quem tenta limitar nosso espaço. Nos juntamos, e somos várias; e múltiplas, e muitas”.

Por meio de uma iniciativa demandada pelas moradoras da região, para **tratar o tema de violência doméstica**, muitos de nossos anseios, dúvidas e demandas foram expostos em **roda de conversa** realizada no espaço cultural No Morro PPL. Na ocasião do encontro, analistas do Programa Mediação de Conflitos (PMC), equipamento que tem sido de grande importância para a comunidade, responderam aos vários questionamentos dos participantes, além de terem ajudado em encaminhamentos de providências cabíveis.

O cuidado com a escuta, o acolhimento que nos foi dado, serviram para ratificar, que ninguém pode deter nem apagar o brilho, do ‘mulherão’ que a cada dia nos tornamos.”

**Cleide Reis**

Moradora, referência comunitária da Pedreira Prado Lopes (Belo Horizonte/MG) e proprietária do espaço “No morro PPL”.



## Relato de experiência

No ano de 2017 a Faculdade de Arquitetura da UFMG protagonizou uma proposta que foi apresentada na E. M. Jardim Felicidade, que tratava da implementação de um espaço de Lazer no Bairro Jardim Felicidade. Após a provocação, houve a adesão de moradores e instituições que desencadeou encontros de planejamento e organização da proposta. O local escolhido foi um trecho da Avenida Fazenda Velha, que recentemente ganhou um asfalto provisório e deu lugar para o fluxo de veículos, mas que por suas características, e de acordo com a legislação ambiental, o local teria de ter sido isolado, isto porque nele estão as mais expressivas nascentes d'água do Bairro Jardim Felicidade, local simbólico cuja nascente está ligada à fonte que forneceu água para a construção do bairro e subsistência das famílias, ainda hoje muitas pessoas utilizam da água para várias finalidades, inclusive para o lazer nos dias de calor.

As 2 nascentes do trecho foram beneficiadas no início do ano de 2017 pelo projeto “Valorização de Nascentes Urbanas” que é uma iniciativa do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas – CBH Rio das Velhas, a partir da construção do Subcomitê da Bacia Hidrográfica do Ribeirão Onça e suas parcerias.

A Proposta de rua de lazer permanente foi implementada por muitas mãos através de mutirão no trecho da Avenida Fazenda Velha, trecho da “Biquinha” ao lado da Escola. De caráter inovador a “Rua de Lazer” ou “Espaço coletivo para o Lazer” foi um grande sucesso e com adesão de muitos usuários que referendaram o local. Mesmo que os equipamentos de lazer construídos no mutirão como bancos, balanços, jardins e outras preservasse uma área para o fluxo de veículos, “os veículos não reservaram espaço para o lazer” e logo a depredação foi desencadeada por uma pequena parcela da comunidade e destruiu completamente o local.



O grupo de moradores e instituições que construíram a rua de lazer se reuniram e colocaram em discussão a sua retomada, ao mesmo tempo a Associação Coletiva em parceria com o CBH Velhas, representando a Rede Jardim Felicidade, solicitou e recebeu da Prefeitura um documento de permissão de uso de Espaço para a finalidade do projeto de lazer. Em debate com a Prefeitura, uma comissão defendeu que o trecho da Avenida fosse fechado para a prática do lazer, mas reservando passagem para carroceiros que dependem do trecho para acesso a URPV

– Unidade de Recebimento de pequenos volumes (no Bairro vizinho – Jardim Guanabara). Mas de forma repentina e com sinalização insuficiente, o trecho foi fechado completamente e inclusive com placas de proibição de fluxo de veículos de tração motor e de tração animal; isto causou grande alvoroço e movimentação dos que reprovaram a rua de lazer ou o fechamento do trecho, e inclusive da Associação Coletiva e rede parceira que desaprovou o método.



Este período causou tensões entre as partes envolvidas e informações distorcidas a respeito do ocorrido. Com isso, essa situação foi levada para o PMC – Programa Mediação de Conflitos, tanto pela Associação Coletiva quanto pela parte de moradores contrários ao projeto.



Para tanto, a Rede Jardim Felicidade, e neste caso, contando com a mediação do PMC (também integrante da Rede), convocou uma assembleia comunitária. No local foi estendida uma faixa, foram produzidos convites e feita mobilização no entorno do espaço em discussão.

A Assembleia aconteceu no local foco da discussão, durante a noite para facilitar a participação da maioria, o que possibilitou grande participação de moradores, cada grupamento fez a sua defesa e foi colocado em debate sobre a necessidade de espaços de lazer na comunidade e sobre características do local que tencionam um espaço de lazer e de preservação ambiental, por outro lado, os moradores que não concordavam em fazer outro caminho com seus veículos e que desejavam continuar usando o trecho, reivindicavam o uso para essa finalidade. Ao final da discussão e sob a mediação do PMC, ficou acordado que a rua de lazer continuaria no local, contudo metade da via seria reservada para os veículos passarem, sendo instalado neste caso, algum tipo de “divisória entre as partes, inclusive para proteger os usuários do espaço, que em sua maior parte é composta por crianças.



Depois disto, em processo de mutirão foi fixada uma fileira de mourões de eucalipto, mantendo um lado livre para a passagem dos veículos e do outro foram construídos equipamentos para o uso de lazer. A Associação Coletiva teve a documentação de permissão do uso do espaço cedida pela PBH no ano de 2018 e 2019, e protagonizou em cada mês uma ação de mutirão de manutenção e melhorias e uma outra ação de oficina de recreação para crianças pelo projeto Criança Cidadã – Associação Coletiva. Foi uma pequena revolução que deu função social diversificada ao espaço, desencadeando a ocupação por diferentes grupos, destacando ações culturais, educativas e ecológicas.

Veja mais! <https://youtu.be/VM2lxz9LML4>

### Cleiton Henriques

Diretor e Coordenador de projetos na Associação Coletiva no Bairro Jardim Felicidade, Belo Horizonte/MG



### 3. Disseminar conhecimento, fomentar discussão sobre temas específicos:

Projetos de Prevenção, Projeto Institucional “É na base”; Projeto ComAgente; Curso de Segurança Cidadã e Mediação Comunitária para enfrentamento às violências; Podcast, Minidocumentário.



Equipe PMC – UPC Vila Cemig – Podcast “Violência. Por que eu preciso saber sobre o assunto?” (2021), produzido em parceria com a equipe do Programa Fica Vivo!

Mais adiante você verá outras práticas, experiências e exemplos de como a mobilização e participação social também estão relacionadas à articulação de redes e na construção de novos projetos e ideias, que tem contado com a participação ativa de moradores e referências comunitárias.



#### DICA DE VÍDEO!

A importância da comunicação comunitária – Rene Silva

<https://www.youtube.com/watch?v=0RY7ZxGqchA>

Não há poder maior do que uma comunidade descobrindo o que lhe importa.  
Pergunte: “O que é possível?” e não “O que está errado?”  
Continue perguntando.  
Perceba aquilo que importa para você.  
Suponha que muitos outros compartilhem o seu sonho.  
Seja corajoso o suficiente para iniciar conversas que tenham significado.  
Converse com as pessoas que você conhece.  
Converse com pessoas que você não conhece.  
Converse com pessoas com quem você nunca conversa.  
Fique intrigado com as diferenças que você ouvir.  
Espere ser surpreendido.  
Valorize a curiosidade mais do que a certeza.  
Convide a todos que se importam para trabalhar no que é possível.  
Reconheça que todos são especialistas em alguma coisa.  
Saiba que soluções criativas surgem de novas conexões.  
Lembre-se, você não teme as pessoas de quem você conhece as histórias.  
Escutar de verdade sempre aproxima as pessoas.  
Tenha confiança de que conversas significativas possam mudar o seu mundo.  
Conte com a bondade humana.  
Fiquem juntos.

*Margaret Wheatley*



# PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NA EXECUÇÃO DO PMC PARA PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS

Quando atuamos no enfrentamento às violências em um território periférico, nos deparamos com uma série de desafios, ausências e insuficiências que são apresentadas pela comunidade de forma escancarada e vívida. Nós, como executores de uma política pública de prevenção às violências, tentamos muitas vezes desenvolver, em parceria com as comunidades, possíveis soluções para essas situações. Com isso, nos perguntamos: **qual o papel de uma política pública de segurança cidadã como o Programa Mediação de Conflitos no enfrentamento às violências?**



Responderemos que prioritariamente é **(co)**construir condições favoráveis para que a comunidade possa produzir as próprias respostas para as situações de violências que nelas existem. Tais ações podem ocorrer através da mobilização social e da participação dos sujeitos na comunidade em que pertencem. No que diz respeito à mobilização social, é importante que seja promovida a participação de diferentes pessoas da comunidade, *aproximando-as do Estado, garantindo a efetivação do papel da participação cidadã no processo decisório e na articulação com diferentes pessoas e grupos sociais do território.*

Outra forma de promover a participação social é por meio do fortalecimento dos vínculos comunitários. Esse processo possibilita que a responsabilidade social ocorra em diferentes espaços, sejam públicos ou privados, aprimorando ações comunitárias existentes. Além disso, é possível construir ações em diferentes esferas comunitárias, nos espaços de serviços públicos da saúde, educação, justiça, assistência social e segurança pública, que proporcionem estratégias integradas com esses diferentes serviços, ampliando respostas para as violências de forma mais rápida e eficiente.

Na prática, isso se apresenta para o Programa Mediação de Conflitos de diferentes formas, por meio dos atendimentos individual, coletivo, organização comunitária e projetos temáticos e institucionais. A partir desse contato com a comunidade e suas leituras dos fenômenos das violências, incentivamos de forma continuada a construção de espaços de discussões com a comunidade e para a comunidade, fazendo com que através desse contato, as violências se tornam visíveis e não mais invisíveis, desnaturalizando-as.

Assim, cada vez mais pessoas passam a ter acesso às informações sobre formas de enfrentamento às violências, orientando-as sobre as políticas públicas de proteção e sobre possibilidade de construção de uma rede local comunitária de proteção, de modo com que essas violências tenham respostas também locais, a partir dos recursos relacionais, comunitários e institucionais. Essas práticas de enfrentamento às violências com a comunidade favorecem e se apresentam como um fator aliado à prevenção às violências, no intuito de ampliar os repertórios individuais e sociais de identificação e enfrentamento de situações graves de violação de direitos. Trata-se então de uma proposta de segurança pública compartilhada com a comunidade.



# UMA EXPERIÊNCIA COM AS REFERÊNCIAS COMUNITÁRIAS DO CABANA

**Lorena Silva Anunciação Lazarino**  
**Wilker Albano de Oliveira**

Analistas Sociais do Programa Mediação de Conflitos – UPC Cabana, Belo Horizonte/MG

*“Lembre-se: eu escolhi trajetos  
para evitar tragédias”*

Dereck Carvalho (Poeta e Referência  
Comunitária da Vila Embaúbas)

## 1. INTRODUÇÃO

Neste relato vamos apresentar a experiência na modalidade de atendimento em organização comunitária do Programa Mediação de Conflitos (PMC), da Unidade de Prevenção a Criminalidade (UPC) Cabana, da cidade de Belo Horizonte, enquanto processo de construção com as referências comunitárias da região.

Desde sua implantação em 2005, o PMC vem contribuindo para o fomento da segurança cidadã através da diminuição de conflitos sociais, do acesso à informação e da busca por alternativas pacíficas de resolução de conflitos nas áreas de abrangência de cada Unidade de Prevenção à Criminalidade (PMC, 2021).

Nesse sentido, percebe-se a importância da aproximação e parceria do programa com as referências comunitárias da área de abrangência, que vivem e fazem parte deste território e comunidade. Isto é, para o PMC, a figura das referências comunitárias é mais que um auxílio no cotidiano do trabalho, é essencial para que possamos construir uma atuação efetiva e de fato comunitária, na perspectiva de uma segurança pública cidadã, sobretudo na prevenção às violências e criminalidades.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Contexto

A equipe do Programa Mediação de Conflitos (PMC) observou um distanciamento entre as referências comunitárias da região e a política de prevenção à criminalidade. Durante as discussões acerca do tema, foi percebido que alguns fatores podem ter causado o afastamento dessas lideranças, entre eles as limitações da pandemia da COVID-19, a alteração dos analistas que trabalham no programa, dentre outras circunstâncias que podem ter gerado a quebra de vínculos criados pelas equipes anteriores. Vínculos estes que para Monteiro, Figueiredo e Machado (2008) possibilitam o sentimento de cuidado, geram uma visão ampliada sobre o conhecimento local, e estimulam a autonomia e participação da comunidade. Pensando no objetivo de estar próximo dessas referências e buscar parcerias com esses atores, a nova equipe do PMC decide convidar diferentes lideranças comunitárias do “Grande Cabana” (termo mencionado por uma das referências) para uma entrevista sobre sua história de vida, a relação com o território, o seu início como referência, sua vinculação com os programas de prevenção, violência e mobilização e participação social.

### 2.2 Estratégia

Diante deste contexto, como estratégia, a equipe inicia as entrevistas com três referências comunitárias do território, em um primeiro momento, com a proposta de perguntar a indicação de uma outra referência para cada uma já entrevistada, e das indicadas outras e



assim sucessivamente. Desse modo, possibilita uma leitura das relações de proximidade e distanciamento entre as próprias referências comunitárias, assim como possíveis redes de apoio e cooperação ou possíveis conflitos e divergências. Além disso, gera uma divulgação do programa, aproximação e ampliação da rede quando conhecemos novas referências.

Segundo Magalhães (2010) os atores sociais são capazes de enfrentar situações e contornar contextos dentro dos seus ambientes para construir soluções coletivas. Eles “são capazes de transformar demandas individuais em pautas públicas” (MAGALHÃES, 2010, p. 2), tornando-se grandes promotores de resolução de conflitos dentro do território. E ter conhecimento sobre a formação de sua história enquanto líderes comunitários, suas lutas e anseios para a comunidade, torna-se um ponto de partida para futuras ações do PMC dentro dos diferentes microterritórios que compõem nossa região de abrangência.

### 3. CONCLUSÃO

A construção supracitada possibilitou uma abertura do PMC com as referências comunitárias e as pessoas que se encontram vinculadas a estas. Percebeu-se a riqueza de histórias, o amor compartilhado pelo território, a luta para manter a comunidade unida contra os diferentes tipos de violência, sejam individuais, coletivas ou institucionais, todas presentes nos relatos. Pode-se notar uma reaproximação de antigas referências, e também a criação de vínculos com novos atores

do território. Para a equipe, estar próximo dessas referências amplia o alcance dentro do território, acreditando que ao longo do ano os frutos dessa construção, será benéfica para a atuação do PMC, mas sobretudo para a comunidade atendida pelo Programa.

Assim, diante do narrado, foi possível analisar as formas de relações e vínculos entre as referências comunitárias, potências e dificultadores na mobilização social, pensando a comunicação comunitária, em uma perspectiva de uma Segurança Pública Cidadã, a partir dos fundamentos da Mediação Comunitária.

Desse modo, a equipe, a partir de diversas possibilidades de atuação do PMC no território, constatou através do diálogo com as referências comunitárias da região do Cabana, o estreitamento e fortalecimento dos vínculos com as referências comunitárias e comunidade, pensar o papel do PMC no território, construir intervenções conjuntas no território no viés da prevenção à criminalidade, contribuindo para o fortalecimento e a mobilização comunitária.

Construir pontes não é poético, percebemos no olhar e nas falas que a luta é diária, constante, e dolorosa, não é um processo fácil, contudo é o fazer que os movem enquanto sujeitos de uma comunidade, é dizer sim, é mover, é lutar todos os dias para e por sua história, memória e terra. Deixamos aqui registrado nossa profunda admiração, respeito e agradecimento as referências comunitárias que aceitaram participar desta construção.

### REFERÊNCIAS

MONTEIRO, Michele Mota; FIGUEIREDO, Virgínia Paiva; MACHADO, Maria de Fátima Antero Sousa. **Formação do Vínculo:** Implantação do Programa Saúde da Família, São Paulo, p. 1-7, 21 ago. 2008.

MAGALHÃES, Alexandre Almeida. **Transversalidade da ação coletiva:** a experiência em redes como possibilidade de crítica e publicização. *Política e Sociedade*, [S. l.], p. 1-34, 4 nov. 2010.



As soluções mais potentes – na maioria das vezes – vêm dos próprios moradores. Cabe ao PMC, enquanto política pública cidadã, fomentar essas construções sem ignorar os saberes, as culturas, as capacidades e as vulnerabilidades dessas comunidades. Assim sendo, em oposição a uma perspectiva de segurança pública meramente repressiva, que coloca as respostas para as violências apenas na esfera governamental, a segurança cidadã tem como foco a participação social que passa a ser um direito e um dever de todos. Daí a importância de ações de inclusão social, construção de dispositivos comunitários de prevenção às violências, mediação de conflitos individual e/ou comunitário e orientação para acesso à direitos fundamentais, pois não existe direito à segurança sem a existência da garantia dos demais direitos à vida, saúde, moradia, cidadania, igualdade, educação, trabalho e dignidade.

## OFICINAS DE MEDIAÇÃO - TRANSFORMANDO CONFLITOS E PREVENINDO VIOLÊNCIAS

**Fernando Meira  
Hinuanu Melo**

Analistas Sociais do Programa Mediação de Conflitos – UPC Morumbi, Uberlândia/MG

**O**s conflitos são inerentes à condição humana, sempre esteve, está, e possivelmente continuará fazendo parte do cotidiano da humanidade. Em comunidade os conflitos se apresentam de diferentes formas e surgem pelos mais variados motivos, e as práticas coletivas de mediação de conflitos podem ser uma estratégia de promoção de cuidados, pautando o respeito, à participação, o diálogo e a corresponsabilidade, transformando as relações e garantindo que as violências não se perpetuam. Nas práticas coletivas e colaborativas de mediação de conflitos, os participantes são convidados a proporcionarem um ambiente acolhedor, seguro e aberto ao diálogo, potencializando o respeito às diferenças e incentivando a resolução de conflitos de forma não violenta e participativa.

Como experiência de práticas coletivas e colaborativas, o Programa Mediação de Conflitos do bairro Morumbi, desenvolveu um projeto intitulado, “*Oficinas de Mediação de Conflitos – Transformando Conflitos e Prevenindo Violências*”, voltado para os participantes dos cursos profissionalizantes e colaboradores de uma Ong do território chamada *Ação Moradia*, que existe a mais de 20 anos e que tem como um dos seus objetivos o fortalecimento do vínculo comunitário. A construção do projeto se deu após a Ong perceber a necessidade que muitos participantes e colaboradores, em sua maioria moradores e moradoras do território, tinham ao relatar experiências conflituosas em seus cotidianos, não só na instituição, como principalmente na comunidade onde residem. Atentos ao seu objetivo de fortalecer o vínculo comunitário e prevenir possíveis violências, a Ong contata a equipe do Programa Mediação de Conflitos, onde consolidou-se as oficinas mensais de mediação de conflitos.

As temáticas trabalhadas ao longo dos meses foram definidas, a partir de um primeiro encontro com os participantes dos cursos profissionalizantes e colaboradores, de modo a ouvi-los e a partir das demandas levantadas, traçou-se um planejamento de ações ao longo do semestre. A ideia de nomear como oficinas, é proporcionar um espaço onde os participantes participam ativamente no fomento e construção de estratégias de resolução de conflitos, a partir de suas vivências cotidianas, dos recursos comunitários e dos recursos relacionais que se construíram ao longo das práticas colaborativas.

Ao longo da execução das oficinas a equipe apresentava diferentes cenários de conflitos a partir das demandas levantadas, e convidava os participantes a discutirem entre si as possibilidades de intervenção, num primeiro momento em pequenos grupos, e depois partilhando para o grupo geral, onde os analistas junto com os demais refletiam sobre as intervenções pensadas. A proposta do grupo como co-construtor de intervenções para diferentes cenários de conflitos, se justifica no sentido de horizontalizar a construção, sem a necessidade de um especialista que dita o que é certo ou errado, mas, enquanto um grupo que facilita o diálogo e a circunscreve diferentes formas de intervenção e sentidos para cenários diversos que dialogam com suas vivências diárias na comunidade.

No final de cada oficina e na conclusão do projeto, a equipe pode ouvir frases que apontam que o grupo facilitou bons entendimentos acerca dos conflitos, tais como: *"...ouvir pontos de vistas diferentes me faz entender que minha razão não está acima da razão do outro..."*; *"...aprendi que dialogar não é fácil, mas, pode ser um caminho..."*; *"...eu percebi nas oficinas que sou muito impaciente para ouvir o outro, mas, com jeito certo e aprendendo, posso evitar muitos problemas..."*; *"...levo das oficinas que tenho capacidade de mediar muitas situações antes que o problema exploda e se torne pior..."*. Falas como essas apontam para a equipe a potencialidade que as práticas colaborativas possuem, no sentido de promover espaços reflexivos, onde a comunidade possa se encontrar e pensar diferentes formas de transformação dos conflitos em diferentes situações, contribuindo para a prevenção às violências de forma participativa.



## Projeto ComAgente

Ao longo dos seus 16 anos, o PMC construiu sua história com diversos atores, mas sem dúvida as referências comunitárias tiveram um papel de destaque nesse processo. O paradigma da mediação comunitária é um norteador da metodologia de trabalho que preconiza a participação social na construção de intervenções em segurança pública. *A experiência do projeto ComAgente foi construída com o objetivo de dar enfoque no saber comunitário e do fazer em conjunto com a comunidade.*

Em apenas oito meses de execução, o projeto já apresenta resultados significativos. A partir da implantação das oficinas tem sido possível acessar microterritórios que historicamente não tinham um vínculo fortalecido com o programa e/ou até mesmo com outros serviços públicos. Essa aproximação tem sido fundamental na leitura das dinâmicas das violências e criminalidades, bem como as especificidades dessas localidades.

Outro ponto é ao que se refere a qualificação dos atendimentos dos casos de violência. Essa pauta tem sido prioridade do programa, que em suas diversas práticas busca construir intervenções assertivas junto às mulheres. Tendo em vista a complexidade do fenômeno da violência de gênero e seus atravessamentos, entendemos que existe um tempo de maturação de cada sujeito. Além disso, intervir em situações de violência demanda abertura e criação de vínculo para que determinada intervenção seja realizada efetivamente. Dessa forma, o espaço da oficina propicia – a partir da criação de vínculos – a identificação de violências e, mediante o tempo de elaboração de cada mulher frente a situação vivenciada, a construção de alternativas de enfrentamento.



Lançamento Projeto ComAgente em (Setembro/2021) – UPC Serra, Belo Horizonte/MG

“Eu comecei a vir para oficina porque havia perdido o emprego e precisava ocupar meu tempo. Durante os encontros me toquei que minhas figuras eram sempre muito cinzas e escuras. E que isso refletia nas cores da minha casa, nas minhas roupas e até na forma como eu me relacionava com meu trabalhos e obrigações. Essa reflexão gerou uma mudança no meu olhar para vida, começando por colocar mais cores nas pinturas e estendendo para minha forma de vestir, para a pintura da minha casa e para um olhar mais alegre e colorido para minha vida.”

(C.C.S.R., 40 anos, participante da **Oficina de Aquarela** no Jardim Teresópolis)

O projeto *ComAgente* tem contribuído decisivamente para a ampliação da capilaridade do Programa Mediação de Conflitos nos territórios de abrangência, por meio das oficinas realizadas. Estas oficinas têm atraído mulheres que desejam aprender um ofício e, para além disto, asicineiras têm desenvolvido discussões, intervenções e ações que promovam a prevenção, fomentando a segurança cidadã e o enfrentamento às diversas violências nestes territórios.

O desenvolvimento deste projeto tem possibilitado um maior reconhecimento do programa nos territórios de abrangência, principalmente em áreas onde as equipes têm baixa adesão de atendidos. É perceptível que os encontros realizados pelasicineiras surgem com um facilitador para ampliar o acesso ao Programa por parte da comunidade, fortalecendo assim o protagonismo das participantes, que se tornam multiplicadoras não apenas das temáticas trabalhadas, mas também da atuação do PMC nos territórios. Assim, neste espaço tem sido possível fomentar a mobilização e a participação social das moradoras e, consequentemente, a visibilidade do programa nas comunidades.

Um grande facilitador para a execução do projeto tem sido o vínculo pré-existente dasicineiras com a comunidade. No decorrer da execução, este vínculo tem se tornado fortalecido, favorecendo o trabalho no viés da prevenção e enfrentamento às violências, inclusive na abordagem de situações de violência vivenciada por alguns participantes. Este projeto também potencializou ações comunitárias de prevenção às violências pela via do investimento em relação a iniciativas em curso na comunidade, vez que asicineiras tiveram melhores condições materiais para a transmissão do ofício, além de um suporte técnico cuidadoso por parte das analistas sociais.

“Lá em 2011 nasceu um desejo de desenvolver um projeto para dar voz às mulheres da minha comunidade. Esse projeto só foi possível por meio do *ComAgente*. A oficina *Mulheres que Fazem a Diferença* fez e faz mesmo a diferença na via de muitas mulheres no Jardim Teresópolis. O ofício do tricô e crochê é o ponto de partida, mas o afeto, o acolhimento tem sido o diferencial nesse grupo. Eu me coloco para ajudar o outro com humildade, pois não sei de tudo, também aprendo. Como disse Madre Teresa ‘por vezes sentimos que aquilo que fazemos, não é senão uma gota de água no mundo, mas o mar seria menor se lhe faltasse.’”

**Cácia Maiza**, oficineira do *ComAgente*





Como não poderia deixar de ser, em se tratando de um projeto-piloto, o *ComAgente* teve seus desafios desde a formalização da proposta até a sua execução. Em relação a formalização da proposta, os desafios se encontram na elaboração do projeto e nas questões administrativas, como a parte burocrática, relacionadas ao preenchimento dos formulários, notas fiscais e instrumentos. A partir disso, a mobilização das moradoras dos territórios também foi um desafio nas construções das formas estratégicas para ampliar a divulgação nos territórios. Já o desafio na execução gira em torno das discussões das temáticas, das estratégias das oficinas para sustentar o engajamento das participantes interessadas em aprender um ofício.

Frente a esses desafios, a execução dos projetos e o vínculo construído e fortalecido

com as oficinas têm propiciado a chegada de mais demandas de violências nas equipes técnicas. Por meio de diálogo com as moradoras, as oficinas fazem uma leitura do fenômeno de violência presente no território e também das demandas das participantes, durante o desenvolvimento da oficina. A partir disso, realiza-se o encaminhamento à equipe técnica, que articula junto à oficina a melhor forma para atender a moradora, no bairro ou na unidade de prevenção. As qualificações do atendimento em casos de violência vêm com a leitura que as oficinas realizam junto a equipe técnica, ajudando a construir com a moradora formas de prevenção, e construindo uma rede de apoio dentro do território, com acesso a rede de proteção social, ampliação dos fatores de proteção e redução dos fatores de risco.

# ENCONTROS QUE TRANSFORMAM VIDAS

**Maria de Fátima Gonçalves**

Oficineira do Programa Mediação de Conflitos – UPC Palmital

O projeto *ComAgente*, iniciativa do programa Mediação de Conflitos, despertou minha atenção, a princípio, por ser uma possibilidade de retomar uma atividade de intervenção social em uma comunidade em que estive inserida por mais de dez anos com trabalhos voluntários, apoio a lideranças pastorais, antes e durante o tempo em que estive a serviço da Paróquia Santíssima Trindade. Nesse período, tive a oportunidade de participar de um trabalho de rede, no qual participavam diferentes atores sociais com suas múltiplas intervenções no território. Período em que tive meus primeiros contatos com a UPC e os programas de prevenção desenvolvidos na unidade. Foram muitos diálogos, acolhimentos e encaminhamentos de pessoas. Organização em parceria com um fórum de debates com tema sobre as múltiplas violências presentes no território e, dentre elas, a crescente violência contra as mulheres, evento que na ocasião reuniu dezenas de mulheres.



Pela proximidade e confiança, e por acreditar que as transformações sociais acontecem a partir das pequenas ações desenvolvidas pelos muitos atores, assim como pequenas sementes que lançadas ao solo podem nos dar um jardim, é possível cuidar da sociedade a partir de onde estamos, para transformá-la em uma sociedade de Paz. Nesse sentido, o desejo que trago dentro de mim não pôde deixar que não me alegrasse e dissesse “sim” à nova proposta

de oficinas no Programa Mediação de Conflitos, com objetivo de acolher mulheres em vulnerabilidade ou situação de violência.

Proposta aceita, momento de reconhecer e enfrentar os desafios que surgem, sendo o primeiro deles, transformar uma proposta aparentemente simples de reunir mulheres para convivência e aprendizado de algum ofício em algo atrativo e agradável a elas. Para minha alegria fui surpreendida por um grupo de mulheres que rapidamente aceitaram o convite, inicialmente mulheres que já me conheciam e aos poucos outras foram chegando, convidadas por elas ou encaminhadas pelo Programa Mediação de Conflitos. Simultaneamente ao gesto de acolher que aos poucos também se tornou tarefa de todas, surgem novos desafios, como por exemplo: reconhecer as demandas trazidas



por cada mulher, qual motivação a fizeram se aproximar, quais os nossos limites e possibilidades em atendê-las em suas necessidades, trabalho que se tornou possível por estarmos sempre contando com apoio das analistas do programa que se colocaram à disposição para nos orientar, não somente nas reuniões programadas para formação, mas nas mensagens via WhatsApp ou ligações. Pude perceber ao longo da caminhada que acolher as pessoas em suas diferenças é desafiador, mas também gratificante. Gera na outra a alegria de ser amada, aceita, respeitada. Em grande maioria buscam por esses espaços para fugirem da solidão, do vazio e angústia de não saber mais lidar sozinha com seus sofrimentos, e encontrando ali naquelas horas de convivência uma rede de apoio.

Havendo necessidade, são atendidas pessoalmente pelo Programa Mediação de Conflitos, com possibilidades de encaminhamentos para outros serviços da rede. Isso dá a elas sentimento de cuidado e proteção, ou até mesmo encontram essa força nos vínculos de amizades entre elas, que se formou para além do grupo.

Os nove meses de experiência com a participação no projeto-piloto *ComAgente* foi um tempo enriquecedor, de muito aprendizado e muitas alegrias em minha vida, reafirmando em mim o desejo de trilhar esse caminho de liderança comunitária, de buscar dia a dia as possibilidades de, junto com outras pessoas, dar minha contribuição para construir uma sociedade possível para se viver com qualidade de vida e em paz. Pude me alegrar com a alegria e conquistas das outras, perceber que às vezes basta um olhar, uma escuta, um abraço ou mensagem para que essas mulheres sintam que são amadas e respeitadas. Não é possível mensurar o valor que esta experiência teve e continuará a ter na vida de cada mulher que fez parte do Projeto *ComAgente Mulheres em Ação – Dialogando Saberes e Construindo Caminhos*.

# Transformação

## ENTREVISTA COM OFICINEIRAS

**Eldaine Gonçalves da Silva**  
**Mariana Luiza dos Santos Viegas**  
**Nathália Dantas Ferreira**

Analistas Sociais do Programa Mediação de Conflitos – UPC Palmital



Em 2021 o PMC Palmital foi contemplado com o projeto-piloto do *ComAgente*. Para a equipe foi uma grande surpresa, com um misto de emoções, tendo em vista as potencialidades e desafios que viriam para somar a este território. O programa, cada vez mais, estava sendo referenciado como um local para atendimento de mulheres em situação de violência, e as oficinas poderiam se tornar uma rede de apoio para as mulheres do território, bem como as aproximariam do programa. Neste contexto, entendemos que seria importante escutar asicineiras, a partir da perspectiva das entrevistas narrativas, que têm por definição um caráter político, uma vez que as narrativas possibilitam aos sujeitos falar de si mesmos, expressar suas experiências e sentimentos, marcados por sua singularidade e pela relação com os acontecimentos coletivos e históricos, e por sua própria leitura do mundo. Diante disso, compartilharemos as entrevistas a partir das narrativas transcritas de Camila, Cleunice e Maria de Fátima (Fatinha), levando em consideração a metodologia utilizada por elas, formas de mobilização e impactos das oficinas em nossa área de abrangência.

### Como tem sido a sua experiência no Projeto *ComAgente*?

**Fatinha:** [...] é uma experiência simples, mas que na verdade, pra elas, tem um valor muito grande. Muitas estão solitárias, assim, sem saber o que fazer, ou com uma dor de uma perda de um ente querido, ou com alguma situação familiar que ela não tá conseguindo lidar, e aí elas vêm pra cá com essa busca mesmo, com essa busca de algo que as ajude a dar conta daquilo que elas têm que viver em casa, né! Eu acho que o primeiro ponto muito importante que eu tenho observado é acolher cada uma no inteiro dela, naquilo que ela traz, na individualidade que ela traz, então assim, conhecer cada mulher que chega e saber o que que trouxe ela aqui, né, quais os sentimentos que traz, quais os sentimentos que ela vai se envolvendo ao estar aqui (...), mas que no fundo elas vêm querendo isso, querendo ser acolhida, querendo poder falar, querendo saber de outras experiências, elas vêm com esse desejo, acho muito do acolhimento. (...) muito mais que

um ofício de aprender a pintar ou de aprender a fazer um crochê, ele mostra que isso tem um sentido a mais, né...tem um valor maior que é o valor de estar bem, de despertar de novo a alegria de viver. Então isso pra mim esse é o valor maior de um projeto desses!

**Cleunice:** Tinha as meninas, como contar com elas, elas contarem comigo e a gente foi descobrindo, como poder ajudar. Vocês também, apoiando a gente também, ensinando um pouco, como lidar com certas situações que a gente, no dia a dia, não consegue lidar, [...] elas já estão podendo colher, algumas coisinhas que elas plantaram, né, elas plantaram agora já estão nascendo a mudinha da alface, de outras coisinhas de chá, que elas já estão podendo colher. No primeiro tempo era suculentas, né, o projeto era ensinar elas cuidar das suculentas como cuidar da gente, mas elas não se interessaram muito nas suculentas, interessaram no de comer e no de fazer alguma coisa. Então as plantas vieram pra elas num momento bom,

que elas distraem, chegam, plantam, conversam sobre muitas coisas, né.

**Camila:** (...) a gente tem visto que elas têm gostado, elas têm aprendido, elas têm permanecido e elas não tem só aprendido algo pra ter uma renda, mas elas têm aprendido muitas coisas que às vezes a gente não sabia, sobre a violência verbal, a violência doméstica, sobre muitas coisas assim. Hoje, elas já se sentem mais seguras por ter esse trabalho que a gente sempre fala sobre o Mediação de Conflitos. Então, assim, isso tem um potencial muito bom, porque a gente tem conseguido passar pra elas que elas não estão sozinhas, né, independente da dificuldade delas, mas através desse projeto ComAgente a gente tem tido essa oportunidade de mostrar pra elas isso.

### Como você percebe o impacto na comunidade a partir do início da oficina?

**Fatinha:** A partir do momento que você cuida do individual de uma pessoa, a sociedade também ganha, porque a sociedade vai ficando uma sociedade mais sadia. (...) Mas a partir do momento que eu estou bem, né, que cada uma dessas mulheres consegue se sentir bem, elas conseguem viver bem também no lugar onde elas estão, e elas conseguem perceber coisas que às vezes antes elas não percebiam, começam a perceber que existem outras possibilidades de vidas pra elas, né, e aí isso vai cuidando da sociedade também. Cuidar do indivíduo é cuidar da sociedade, o que eu penso."

**Cleunice:** Porque eles ficam muito parados no tempo, a gente fala, vai lá, vai na oficina, vai no fica vivo, vai no mediação, você consegue isso, você tem uma orientação disso. (...) Entendeu?

Então aqui eu entendi que não é assim, a gente tem que ir atrás, porque o bem é pra gente."

**Camila:** Eu moro aqui desde que eu nasci e esse tipo de trabalho não tinha,



né, que é o trabalho com mulheres, não tinha esse tipo de trabalho. Então, assim, tem impactado muito porque o trabalho que a gente tem feito a gente não tá só aprendendo, ensinando, mas como a gente tá conseguindo comunicar com elas, saber um pouco mais o que acontece na comunidade, às vezes dentro da família, e a gente tem conseguido alcançar essas coisas através das oficinas.

### Como é para você estar nesse lugar de oficina?

**Camila:** Ah! Isso pra mim significa muito, porque eu me sinto muito importante (risos) em ser oficina, em ter essa oportunidade, sabe, de ensinar, de ajudar, né, de aconselhar, porque, como se diz, é uma rede de um monte de coisa que a gente tá fazendo ali, né, a gente não tá só ali pra ensinar, mas também pra fazer muita coisa.

**Fatinha:** A oficina ela não encerra ali, né, ela não se encerra aqui, ela traz muitas vidas para esse lugar, e essas vidas trazem muitas demandas que vão além de estar aqui, né. Então pra mim o maior desafio é conseguir buscar e aí eu gosto muito dessa área social; de um discurso que a gente faz, que eu ainda sei que é um desafio mesmo do social, a questão da articulação de rede, dos pares que vão se completando e se ajudando, isso é um sonho meu assim que isso dê certo, né, eu sei que ainda não é concreto, assim, não é tão real, mas eu acho que é muito necessário mesmo. Porque ser oficina não é só estar aqui a cada semana e ter um ofício para ensinar pra essas mulheres, porque como eu falei, não é isso que traz... não é só isso que traz elas aqui.

As narrativas compartilham um pouco do trabalho realizado pelas oficinas, que na prática é mais fantástico pela potência que apresentam. O território ganha a oportunidade de trabalhar as violências através de um ofício e o programa ganha ao ter a possibilidade de estar próximo às moradoras, realizando a prevenção.

## Curso de Segurança Cidadã e Mediação Comunitária para o Enfrentamento às violências

Desde o ano de 2013 o Programa Mediação de Conflitos iniciou a elaboração e execução de projetos institucionais que visam promover espaços de troca de saberes e experiências sobre formas de gestão pacífica de conflitos, fomentando a participação das referências comunitárias moradoras dos territórios em que o PMC está inserido, essenciais para o programa. Os projetos almejavam realizar construções que promovessem cada vez mais a participação social na discussão, construção e execução de uma política de segurança pública que busca prevenir fenômenos de violência e criminalidade.



O curso tem sido uma grande oportunidade de conhecer e conviver com outras pessoas da comunidade, com quem não tinha um relacionamento mais próximo. Escutar as falas sobre os diversos tipos de violências e discutir no grupo só reforça o quanto é importante continuarmos lutando e fazendo o enfrentamento junto com a comunidade, que em alguns momentos nos traz situações em que as violências continuam presentes.

**Rinalva**, referência comunitária no Turmalina – Governador Valadares/MG

Em 2013 foi realizado o **Fórum Nacional de Mediação Comunitária**, que obteve como resultado a sensibilização dos presentes, promovendo o acesso destes às práticas

exitosas de mediação comunitária no país, e das referências comunitárias que atuam nos territórios em que o Programa Mediação de Conflitos está inserido.

O 1º Curso Introdutório de Mediação Comunitária ocorreu em 2014 e objetivou introduzir as temáticas de Mediação Comunitária, Comunicação Não-Violenta, Cidadania e Direitos Humanos em formações para as referências comunitárias presentes nos territórios em que o PMC faz parte. Foram realizadas intervenções teóricas e práticas, finalizando com 122 (cento e vinte e duas) referências comunitárias formadas. O evento de formatura ocorreu com a presença dos formandos e seus familiares e promoveu um momento de compartilhamento dos impactos e experiências resultantes do curso ministrado.

No ano de 2015, o Programa Mediação de Conflitos completou 10 (dez) anos de atuação em mediação comunitária no contexto de políticas públicas e, mais uma vez, ressaltando a importância das referências comunitárias em sua atuação, celebrou a data com intervenções nos territórios e em um seminário com a participação desses moradores.

Neste ano de 2022, o Programa Mediação de Conflitos renova sua aposta na em ações formativas junto às comunidades atendidas, por entender que a participação social e a potencialização de lideranças comunitárias ampliam a efetividade de estratégias de prevenção à violência. Tendo em vista esse horizonte de possibilidade, realiza o Curso de Segurança Cidadã e Mediação Comunitária para o Enfrentamento às violências.

O curso teve como público-alvo lideranças e referências comunitárias dos territórios



## OBJETIVO GERAL

Potencializar a atuação de referências comunitárias nas áreas de intervenção do Programa Mediação de Conflitos, a fim de que estes contribuam ainda mais para a prevenção de homicídios oriundos da violência contra a mulher, dos conflitos de vizinhos, da violência doméstica e familiar e da violação de direitos a partir da promoção de meios pacíficos de gestão de conflitos, estimulando a organização comunitária, aplicando e disseminando princípios e técnicas de mediação, bem como promovendo a cultura de paz em sua comunidade.

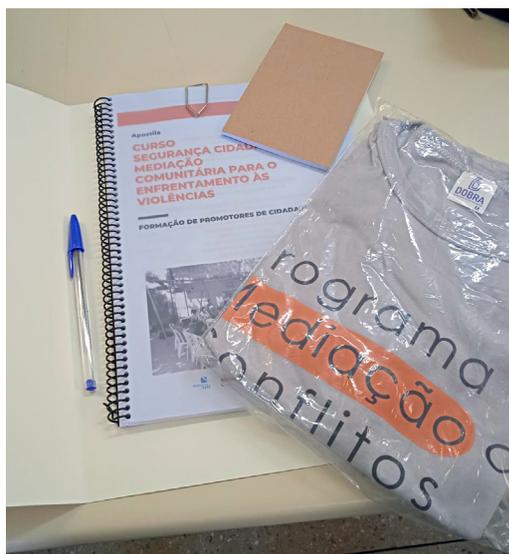


## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Fomentar o pertencimento comunitário e as ações coletivas;
- Estimular a participação e a organização comunitária;
- Fortalecer o vínculo com a rede de proteção local;
- Disseminar a cultura de paz e os princípios da mediação comunitária;
- Contribuir para o fortalecimento dos fatores de proteção com foco na prevenção à criminalidade;
- Favorecer o acesso a direitos.
- Concretizar ações voltadas à prevenção de homicídios oriundos da violência contra a mulher, dos conflitos de vizinhos, da violência doméstica e familiar e da violação de direitos.

em que o Programa Mediação de Conflitos está inserido, em Belo Horizonte, na Região Metropolitana e no Interior do Estado de Minas Gerais. Cada equipe pôde convidar oito referências comunitárias ou moradores que apresentam características que possam ser potencializadas enquanto agentes de segurança cidadã que fomentam a prevenção e o enfrentamento às violências nos territórios.

Os conteúdos que serão abordados nos módulos do Curso foram pensados a partir de seus objetivos gerais, definidos tendo em vista a importância de construir com moradores e moradores conhecimentos e recursos para o fortalecimento da participação social e da organização comunitária para enfrentamento às violências. Foram realizados 8



Curso de Segurança Cidadã e Mediação Comunitária para o enfrentamento às violências – Programa Mediação de Conflitos/2022

“

O curso foi inspirador. Na pandemia perdemos muitas coisas. Eu perdi lugares e meios para crescer. Assuntos que foram abortados; acabei deixando de lado. Esse curso também é uma pontinha de esperança. Pois a cada discussão, a cada reunião crescia a oportunidade de mudança. Cada reunião que em eu podia debater e aprender, me trazia uma sensação de frescor. Aprender é bom. Conhecimento é poder.

**Izabelle Stephanie**, moradora e referência comunitária da Pedreira Prado Lopes – Belo Horizonte/MG

encontros temáticos com cada equipe técnica do PMC. Com o suporte de videoaulas gravadas especialmente para o curso, acompanhadas de dinâmicas interativas e bate-papos, os temas puderam ser aprofundados na interação entre as analistas sociais do PMC e as cursistas.

Nos encontros foram abordados temas como: cidadania, direitos humanos e educação política, violência contra a mulher, técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo, segurança pública cidadã e mediação comunitária. A abrangência temática, o empenho das equipes técnicas e a participação destacada das cursistas em cada módulo deram o tom do curso, indicando o fortalecimento da parceria entre o PMC e as comunidades na prevenção e enfrentamento às violências.

Curso ministrado pelo Programa Mediação de Conflitos – UPC Morro Alto





PMC Justinópolis, Ribeirão das Neves/MG



PMC Serra, Belo Horizonte/MG

“

O Curso me trouxe para a realidade a compreensão do papel do Líder Comunitário. (...) Está me fazendo pensar que, cada um é importante neste processo. Sozinhos seremos apenas mais um, mas juntos, podemos mais. Sempre haverá de surgir novas lideranças e nossos exemplos precisam servir de espelho para os que chegam. Cada um na sua realidade. O que importa é a busca dos objetivos e a união para traçar as estratégias de luta no dia a dia.

**Maria da Penha Cruz**, referência comunitário no Bom Jardim – Ipatinga/MG





# DIÁLOGOS COM A REDE, PREVENÇÃO E O ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS ATRAVÉS DE PRÁTICAS TRANSVERSAIS

**D**issemos na primeira parte que articular é comunicar e se relacionar, lembra? E vimos até aqui que a mobilização, a interação e a comunicação entre aqueles que compõem um mesmo território, comunidade ou grupo devem levar em conta as características e interesses locais. E falar de pessoas e grupos que se articulam é também falar de rede!

O que é rede? Como uma rede é formada? Ou quem faz parte dessa rede? *Quando essa palavrinha vem à nossa mente, às vezes pensamos na rede de pescar, ou em uma teia e o que queremos propor é bem parecido com esse contexto.* Quando estamos em contato com os nossos vínculos familiares e comunitários,

convivemos com várias pessoas diversas e diferentes de nós, também encontramos aquilo que nos apresentam em comum. No convívio da **comunidade** também é assim, as pessoas são **diferentes**, com suas próprias individualidades, crenças, cultura, mas existem pontos em comum entre aqueles que fazem parte dentro de um território, o local de trabalho ou de moradia, circunstâncias de vida que lhe atravessam de forma igualitária.

**Quando temos uma comunidade e aqui entendemos como um conjunto de pessoas que vivem em “comum-unicidade”, que compartilham pontos em comum, é importante refletirmos como essas relações se entrelaçam, mas também as divergências e conflitos inerentes.**

Para o **Programa Mediação de Conflitos**, a rede representa a **conexão** não só entre pessoas, mas de **vários elementos que compõem um território**. Consideramos em cada território a presença de vários grupos que dialogam sobre um determinado objetivo, formados por moradores e instituições, a partir de encontros pautados por pessoas que representam serviços que públicos e governamentais, como: *as escolas, os CRAS, as Unidades Básicas de Saúde, o próprio Programa Mediação de Conflitos, além dos equipamentos do terceiro setor, associações comunitárias e sociedade civil*. É o que chamamos de rede mista.

Nesse sentido, o PMC enquanto política pública estadual tem se comprometido a fomentar a criação ou fortalecimento das redes

mistas em mais de 200 comunidades onde atuamos. Entendemos que uma rede mista possibilita que mais vozes e perspectivas sejam consideradas e discutidas, refletindo também os interesses e necessidades que são diversos.

Cada elemento desta rede tem sua importância, potencialidade e forma de contribuir para a construção de estratégias em torno de objetivos comuns. E os princípios e técnicas da mediação comunitária – a horizontalidade nas relações, a autonomia e a voluntariedade, por exemplo – contribuem para o fortalecimento dessa rede. E se articular é se relacionar, podemos dizer então que a formação e fortalecimento das redes passa pelo vínculo, diálogo, troca e contato. Logo, comunicar também favorece a formação de redes!

Quando temos pessoas e grupos que dialogam, pensam conjuntamente, debatem ideias e estratégias que contemplem as necessidades e interesses locais, especificamente sobre as questões de violências e criminalidade, temos então formas mais efetivas de participação social e consequentemente de concretização da segurança cidadã.

Ao longo da história do PMC e como retratado nas publicações anteriores, a rede sempre teve sempre um lugar de destaque, pois entendemos que não é possível promover ações de prevenção e enfrentamento às violências sem contar com o saber e a participação ativa dos mais diferentes atores nos territórios e municípios.

**Como as “comum-unicidades” surgem? E como pode surgir uma rede a partir disso? Seguimos com a história do Citrolândia/Betim!!!**

## NA MARGEM SE COSTURA A REDE

Nas seis mãos que escrevem este texto refletem os afetos, a história e os anseios por **Citrolândia**. Para falar de Citrolândia é preciso fazer uma viagem na história de Betim, Minas Gerais. A **Colônia Santa Isabel** foi construída para a segregação dos acometidos pela hanseníase, tornando-se uma política higienista de internação compulsória. Internando não apenas os acometidos pela doença, mas os seus filhos sadios em outra instituição segregatória, os preventórios. Segundo Souza et al (2020), as justificativas dos pesquisadores sobre a transmissão da hanseníase eram insuficientes, mas mesmo assim, foram isoladas compulsoriamente milhares de pessoas no início do século XX.

Nas redondezas da Colônia, se construiu Citrolândia, habitando internos que fugiam das correntes, familiares que vinham estar próximos dos internos e assim, cada vez mais veio chegando gente. Os moradores de Citrolândia, mesmo à margem, com ônibus que se recusaram a passar, com profissionais que não aceitavam o novo local de trabalho e com tantas outras situações, se findaram e retiraram as correntes. Na atualidade, no entanto, a violência se tornou um outro processo de marginalização da comunidade. O lugar perigoso, agora não mais pela doença, mas pela criminalidade.

Antiga Colônia Santa Isabel



Nos que estão dentro da margem, esses conceitos limitantes se divergem, **porque o território é vivo e resiste ao preconceito**. Nas seis histórias que narram esse texto experienciam uma relação afetiva com o Citrolândia. Atravessadas pelo enfrentamento à violência, mas também no contínuo compromisso em tornar o território cada vez mais potente, com direitos preservados e respeitando a alteridade. Assim, costura-se a **rede comunitária** e **institucional** no território. O Programa Mediação de Conflitos, como uma agulha, vai *entrelaçando* as histórias, organizando os fios e compartilhando a travessia.

Dentre as diversas histórias entrelaçadas à atuação do Programa Mediação de Conflitos no Citrolândia, entrevistamos três: Nilce, Valterlício e Simone. Os entrevistados se encontram com o programa, em sua história e atuação no território:

**Nilce** conta sobre sua chegada ao Citrolândia e a trajetória dos 24 anos como moradora e liderança comunitária. Nesse período há diversos encontros com o PMC, em cada um, um enlace que compõe a rede e mostram o traçado do caminho. No ponto atual, dentre as suas diversas experiências de organização comunitária e de fomento de renda, atua em especial com um grupo de mulheres do bairro Paquetá.

**Valterlício** relata sobre a sua relação com os movimentos sociais, como a coordenação do projeto gratuito de capoeira com a juventude e a participação no MORHAN (Movimento de Reintegração de Pessoas Atingidas pela Hanseníase); e também da sua participação institucional, como antigo oficineiro do Fica Vivo! e agora, como Conselheiro Tutelar. Sempre decidindo por residir e trabalhar na região, como uma tentativa pessoal de retribuir tudo que ali foi lhe dado.

**Simone**, com um ano atuando no CRAS Alto Boa Vista, relata sobre os desafios de atuar no Citrolândia e também das potencialidades e o bom vínculo com os moradores. Sendo uma importante parceira do PMC em casos de enfrentamento à violência, com encaminhamentos assertivos, possibilitando a construção de um trabalho preventivo em conjunto com a rede.

Assim, a rede foi tomando forma, tamanho e solidez, com cada um costurando no seu jeito e no seu ritmo o potente futuro do Citrolândia.

**Lira Frade de Souza**

**Ester Carolina Ribeiro Lopes**

**Rejane Dias Santos**

**Nilce Gonçalves de Azevedo Jacinto**

**Simone Miranda da Silva Cruz**

**Valterlício de Matos Reis**

Gestor social e Analistas Sociais do Programa Mediação de Conflitos – UPC Citrolândia, Betim/MG

## **E quem trabalha na rede institucional na comunidade? Como é a experiência de atuar deste lugar?**



**Caroline da Costa** é Coordenadora CRAS Nova Contagem. Ela trouxe um pouco de sua experiência na troca do seu trabalho em uma Instituição Pública voltada para as demandas sociais de Nova Contagem/Contagem, com o Programa Mediação de Conflitos.

*"Ainda que seja desafiador o trabalho social em um território vulnerável, a parceria com o Programa Mediação de Conflitos é fundamental para o desenvolvimento do território, das famílias e acesso à garantia de direitos. E ao longo dessa parceria, temos muitas histórias de famílias que superaram suas condições de vulnerabilidade, com apoio dos atendimentos realizados pelo programa (...). E ainda, é muito significativo ter relatos de famílias acompanhadas pelo PAIF, que estão inseridas nos serviços ofertados pela rede socioassistencial no território, e dizem sobre a sensação de liberdade para fazerem as próprias escolhas. Quantos significados existem para uma família que se torna protagonista da sua própria história. Ao Programa Mediação de Conflitos, parabéns pelo trabalho desenvolvido, e que juntos possamos construir mais histórias de superação e significados, por meio desta parceria!"*

**Bruna Magalhães**,  
é coordenadora da  
ONG Lagar – Lugar de  
Amor, Gente, Arte e  
Relacionamento. Que  
tem como objetivo  
contribuir para  
desenvolvimento de  
crianças, adolescentes  
e suas famílias  
em situação de  
vulnerabilidade,  
fortalecendo os  
vínculos afetivos.

### **TECENDO REDES: A ARTICULAÇÃO COMO ESPAÇO DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS**



*"Percebemos que a partir da década de 90 houve muitos avanços legais no que tange a proteção e cuidado com a infância e adolescência. No entanto, é possível identificar que ainda há muito o que ser feito visando à efetivação de políticas públicas e práticas capazes de garantir os direitos básicos da população infanto-juvenil brasileira. (...) Uma comunidade potenciadora é aquela em que há a promoção de um espaço real de encontro para que seus membros possam participar nos assuntos que lhes interessam ou afetam. (...) Fórum setorial é uma iniciativa pensada inicialmente por duas instituições, a ONG Lagar e Programa Mediação de Conflitos, atuantes*

no Complexo Integração, da cidade de Uberlândia/MG a fim de ampliar a comunicação/articulação entre as diferentes instituições promotoras de direitos humanos e a compreensão dos papéis específicos de cada instituição, de modo a ampliar as respostas das diversas demandas que a comunidade possui, implicando a comunidade como parte de possíveis soluções para tais. (...) Atualmente, participam do projeto, grupo de representantes de diferentes instituições, públicas, privadas e ONG's, que se articulam para ampliar/fortalecer seus diferentes serviços para a comunidade do Complexo Integração de forma estratégica e integrada. Os encontros ocorrem mensalmente com planejamento semestral previamente articulado. O planejamento conta com temáticas e a consequente divisão de ações para alcançar a meta determinada. Inicialmente foram selecionadas as seguintes temáticas: violência contra mulher, violência contra criança e adolescente, acesso dos jovens a cursos profissionalizantes. Além dos atuantes dentro da comunidade supracitados, o fórum também tem como premissa o convite de outros atores da rede para trazer visibilidade das demandas da comunidade e vice-versa."



Para ser efetiva, uma política de segurança pública deve contar com **a participação da comunidade**, onde o poder de escolher o melhor caminho se dá de forma conjunta e responsável, **numa ação colaborativa entre todas as pessoas e serviços formais e informais do território**. Essa mobilização aproxima e integra os serviços públicos que passam a responder de forma criativa às diversas demandas sociais, sejam elas demandas de saúde, de assistência, justiça, segurança, violências, etc, oportunizando novos laços e tornando a comunidade mais independente com relação aos seus direitos e poderes.

Nesse sentido, o **Programa Mediação de Conflitos** cumpre o papel importante de estimular e construir espaços formados por pessoas e/ou organizações que se conectam a partir de interesses ou valores comuns que chamamos de **redes social mista**. Para que as demandas da comunidade sejam expressas num espaço, e a partir disso, todos **devem trabalhar juntos** em prol de um objetivo comum. A rede deve antes de tudo promover um ambiente de **comunicação** e **troca** entre os moradores do território onde estão inseridas. Assim sendo, faz-se necessário a integração entre os diversos setores, comunidade e serviços públicos/privados, para ampliar as respostas e garantir seu acesso. E é no contato com a comunidade e as instituições, que o processo de construção acontece, seja em níveis particulares



e/ou coletivos, favorecendo a comunicação entre os integrantes e outros grupos sociais para uma melhor utilização dos recursos comunitários e/ou institucionais.

Dessa forma, é preciso pensar em uma **política pública** com participação social onde a atuação do Estado e da comunidade se faz presente. A construção de espaços formados por pessoas e/ou organizações que se conectam, passa a ser muito importante para o Programa Mediação de Conflitos. O processo de mobilizar moradores de uma comunidade ou as práticas já existentes, de modo a animar e impulsionar famílias em relação ao seu crescimento, autonomia, ampliar acesso aos direitos, melhorias na qualidade de vida, investindo num **desenvolvimento comunitário**, isto é, *transformações sociais* que fomentam uma organização comunitária capaz de resolver e dialogar sobre os problemas sociais e melhora das condições de vida também compõe a função de uma rede.



UPC Via Colégio, Santa Luzia/MG

## **Mas e aí, referência comunitária também ajuda na articulação da rede? Sim!!!**

**Um exemplo de uma pessoa que atuou para contribuir com as questões de sua comunidade, foi a Maria da Penha! Ela tem 57 anos de idade e mora há 49 anos no Bairro Bom Jardim. Penha é líder comunitária desde os 16 anos.**



Ela diz: “..Com a associação ajudei no levantamento das demandas do bairro, as quais seriam nossa bandeira de luta: Asfalto nas ruas, iluminação, rede de esgoto e água tratada, rede de telefone...porque somente moradores das ruas centrais tinham esses benefícios. Ajudei nas melhorias do transporte, educação, saúde, segurança e meio ambiente pois a união faz a força! Acreditando nisto, lutamos juntamente com outras lideranças durante todos estes anos e conseguimos muitas coisas entre as quais a construção das UBSs – unidades de saúde do BJ, escola municipal e ampliação de salas para atendimento aos alunos do ensino médio, atendimento às demandas que nos impulsionaram a luta desde o início.”

Maria da Penha conheceu o Programa Mediação de Conflitos em 2019, em uma reunião de rede, onde discutiam sobre um projeto que ajudava moradores do microterritório “Cruzeirinho” a entender melhor sobre a formação de uma chapa para uma associação de bairros, pois muitos moradores ali não sabiam a quem recorrer.

## A articulação da rede também favorece espaços para discussões de temas importantes, como a temática LGBTQIA+ que tem sido trabalhada pela equipe do PMC de Nova Contagem:



A equipe conta que em 2020 foi criado um grupo virtual para discussão da temática LGBTQIA+ no território de Nova Contagem. Esta iniciativa se deu a partir do contato com lideranças e referências comunitárias que lançaram luz sobre os conflitos que esse público já enfrentava, os quais foram potencializados com a pandemia. Foi compartilhado link para acesso ao grupo e rapidamente algumas pessoas aderiram. A essa ação, seguiram-se encontros de um projeto temático da equipe sobre a população LGBTQIA+ e organizações comunitárias em 2021, com apoio da rede, que ofereceram corte de cabelo gratuito, visando a doação de alimentos para a comunidade e a divulgação do coletivo.



### Relato de Vida

*“Conheci o Programa Mediação de Conflitos junto com meu marido, na época antes de nos casarmos. (...) Sempre que precisamos fomos bem atendidos. Como até hoje sou atendido lá temos um grupo LGBTQIA+ Nova Contagem e região. Juntamente com eles temos esse apoio (...). Já participei de outros eventos que fui convidada. Meu nome de guerra é Rhyanna, me assumi gay aos 11 anos de idade, passei por várias etapas na vida que me ajudaram a me fortalecer.”*

**Nome Social: Rhyanna**

Nome de Registro: Samuel Guimarães

Sobre a organização comunitária, em 2021, o coletivo LGBTQIA+ de Nova Contagem e região, em articulação com o cabeleireiro Dudu Fashion, referência para a pauta LGBTQIA+ do município de Contagem, realizou várias ações de corte de cabelo solidário no território, beneficiando cerca de 50 cortes por ação, em troca de doação de alimentos para comunidade. O coletivo buscava com as ações, além de enfrentar a problemática da insegurança alimentar que atingia de forma crescente a população, estratégias para atuar na comunidade de forma a mobilizar o público LGBTQIA+ para integração no grupo e atuar na prevenção às violências. Eustáquio, referência comunitária e liderança do coletivo, pediu à equipe do PMC para contribuir com o conteúdo desta revista lembrando a ação por meio de relato e foto, com a frase de efeito: “Sempre em prol da comunidade”.



Ação do Corte de Cabelo Solidário no bairro Vila Esperança – Programa Mediação de Conflitos – UPC Nova Contagem, Contagem/MG

## MARIA APARECIDA\*, UMA REFERÊNCIA DE MOBILIZAÇÃO E ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS



**Maria Aparecida**, mais conhecida na comunidade Maná como “Cidinha”, é uma referência comunitária que resiste às vulnerabilidades sociais que assolam a comunidade onde mora e luta por mais acesso a direitos das famílias há 10 anos. Antes mesmo de inaugurar a Cozinha Comunitária, já atuava junto à comunidade por melhores condições de vida, seja acolhendo famílias e crianças em sua residência, ou acionando o poder público para se responsabilizar pelos problemas da comunidade. Hoje coordenando a Cozinha Comunitária e recebendo o apoio dos moradores e de vários setores do Estado, como saúde, segurança pública, justiça e das redes de proteção, conseguiu ampliar seu trabalho e construir uma importante rede que acolhe diversas demandas do território.

**Como foi construída a comunicação entre a referência e o PMC (histórico, como funciona o diálogo)?**

*O primeiro contato entre a equipe técnica do PMC e a Cida, ocorreu em 2019, quando ela ainda realizava um trabalho pontual e individual. Foi durante a pandemia da COVID/19, com a percepção que a fome, a pobreza e as diversas vulnerabilidades do território se intensificaram, e através da doação de diversos parceiros, que surge a iniciativa da Cozinha Comunitária do Maná. Potencializando e ampliando as intervenções que a Cida já realizava na comunidade, é a partir desse momento que a parceria entre PMC e Cida se torna mais orgânica*

**O que mudou após essa relação com o Programa Mediação de Conflitos?**

*“O Mediação de Conflitos ajudou muitas famílias que vinham até mim, pedir ajuda, e eu não sabia para onde direcionar. Com eles foi possível saber mandar para o lugar certo e dar a resposta certa para aquele problema. Às vezes nem preciso acionar eles não...já sei como resolver o problema e encaminhar”.*



Ação Programa Mediação de Conflitos – Morumbi, Uberlândia/MG

### Quais as estratégias potencializam a articulação entre o PMC e a Cidinha no enfrentamento às violências?

*“...Depois da relação com o Mediação de Conflitos, posso encaminhar para o serviço responsável os casos que chegam até mim...Muitos deles vêm até a cozinha conhecer, dar palestras ou apresentar os serviços para a comunidade.(...) As conversas com as mulheres na cozinha têm ajudado... não só para mediar os conflitos, mas, também para conversar sobre vários assuntos que elas sentem necessidade de falar... é um grupo muito rico para elas falarem de muitas coisas, sobre a vida delas na comunidade... isso tem sido bom para elas”.*

Ação Programa Mediação de Conflitos – Carapina, Governador Valadares /MG



**A equipe do PMC Justinópolis realizou uma entrevista com a referência comunitária, Dina Costa, Coordenadora da Revim – Rede de Enfrentamento a violência contra a mulher de Ribeirão das Neves e Presidente da UBM – União Brasileira de Mulheres em Ribeirão das Neves.**



### **Hoje qual é o principal trabalho desenvolvido pela Revim – Rede de Enfrentamento a Violência Contra a Mulher?**

*O trabalho desenvolvido pela REVIM Ribeirão das Neves/MG, visa organizar a rede de Enfrentamento a Violência Contra Mulheres, um trabalho muito necessário, pois Ribeirão das Neves/MG é hoje o segundo município com mais casos de violência contra a mulher. Levando-se em consideração que estes dados representam apenas 12% a 15% da realidade.*



### **Como o trabalho que você desenvolve na Revim se conecta com o trabalho do Programa Mediação de Conflitos?**

*Uma vez que ainda há muito tabu e dificuldades socioeconômicas por parte das mulheres vítimas de violência, o nosso trabalho junto ao Programa Mediação de Conflitos é de suma importância.*

*Temos total ciência que não basta atender as vítimas, mas é mister que possamos levar ao conhecimento da população a questão da violência contra a mulher em todas as suas nuances. Para tal, o Programa Mediação de Conflitos é o parceiro mais indicado, pois seus agentes estão preparados para levar as técnicas de comunicação não violenta, as rodas de conversa e o fortalecimento das lideranças comunitárias.*



### **Qual a importância dessa parceria?**

*Durante o período de pandemia, tivemos nossas ações cerceadas pela necessidade de isolamento social, mas a partir de agora com a melhora nos níveis de vacinação já podemos planejar ações de impacto social novamente. E vemos esta parceria como a melhor forma de enfrentarmos a questão da violência contra mulher na sua raiz, a juventude estudantil. Penso que*

*levar as rodas de conversa e conscientização para dentro das escolas do nosso território é muito importante e necessário para que possamos quebrar o ciclo histórico da violência de gênero e no futuro próximo vermos os números caindo.*

Uma política pública como o Programa Mediação de Conflitos tem grandes oportunidades de caminhar ao lado da comunidade, com a percepção do que realmente é importante e necessário. O **diálogo dos moradores** com as equipes técnicas do PMC permite que o programa tenha essa *sensibilidade* com relação ao que pode ser feito para aquela comunidade enfrentar os conflitos que surgem na vida dos moradores, bem como para prevenir e enfrentar as violências que muitas vezes marcam os territórios como lugares “perigosos”. Dessa forma, sabendo como atuar de forma efetiva, o PMC busca através dos seus **parceiros de rede** a construção e expansão dessa política social tão efetiva.

## **E então, como prevenir ou enfrentar as violências nas comunidades, a partir do diálogo com a rede?**

São diversas as práticas e ações desenvolvidas pelo Programa Mediação de Conflitos no sentido de construir e fortalecer conexões e articulações que favoreçam a formação de redes. Além disso, essas conexões podem ampliar a capacidade de pessoas, grupos e comunidades de enfrentarem situações de conflito, violências e criminalidade de forma cada vez mais organizada, levando em conta as potencialidades específicas.

A seguir, destacamos duas ações institucionais e intersetoriais que tiveram como objetivo envolver novos atores e estratégias para a prevenção às violências:

### **1. Projeto Institucional “É na Base: PMC e Escolas de MG no enfrentamento à violência contra as mulheres”**



Dentro da metodologia do Programa Mediação de Conflitos, um **projeto institucional** consiste em intervenções propostas pela Diretoria do Programa Mediação de Conflitos a partir da leitura de fatores de risco e/ou proteção, bem como dos fenômenos de violência e de criminalidade que perpassam os territórios de atuação do programa. Após a elaboração do projeto pela diretoria, as equipes articulam junto a morador(es) de cada território o formato e a participação dos mesmos.

UPC Ressaca, Contagem/MG

O **Projeto Institucional “É na base! PMC e Escolas de MG no Enfrentamento à Violência Contra a as Mulheres”**, foi pensado pela Diretoria de Prevenção Comunitária e Proteção à Mulher DPM/SUPEC, a partir da publicação da **Lei Federal nº 14.164, de 10 de junho de 2021**. A referida Lei inclui conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a *Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher*, a ser realizada anualmente, no mês de **março**, em todas as instituições públicas e privadas de ensino da educação básica.



Além disso, tem entre outros objetivos contribuir para o conhecimento da Lei Maria da Penha; impulsionar a reflexão crítica entre estudantes, profissionais da educação e comunidade escolar sobre a prevenção e o combate à violência contra a mulher; e integrar a comunidade escolar no desenvolvimento de estratégias para o enfrentamento das diversas formas de violência, notadamente contra a mulher.



UPC Carapina, Governador Valadares/MG

Assim, entre os meses de março e maio de 2022, as equipes técnicas desenvolveram intervenções criativas e inovadoras junto a escolas municipais e estaduais nos 28 territórios onde o programa, até então, estava presente.

O objetivo do projeto foi, portanto, fomentar ações de enfrentamento à violência contra as mulheres, a partir de atividades construídas e desenvolvidas pelas equipes técnicas do Programa

Mediação de Conflitos, junto a escolas estaduais e municipais, além de outros parceiros, que estão na área de abrangência das 28 Unidades de Prevenção à Criminalidade onde o PMC atua. Foi uma grande oportunidade para as equipes dialogarem com instituições escolares e construir ações junto a professores, alunos, pais e outras pessoas envolvidas com o contexto escolas.

Para além de fomentar espaços de discussão sobre o tema da violência contra a mulher, o projeto também possibilitou conhecer um pouco mais das situações de violência vivenciadas pelos públicos adolescentes e jovens. Foi uma oportunidade de promover o acesso a informações – como os tipos de violência, ciclo da violência – até o funcionamento da rede especializada, formas de prevenção e meios de enfrentamento.

Na prática foram encontros, reuniões, rodas de conversa com utilização de dinâmicas e atividades lúdicas, cortejos, campanhas, apresentações artísticas/performances, palestras, distribuição de material informativo, exibição de curtas-metragens e vídeos relacionados à temática da violência contra a mulher.

Esta foi uma ação importante no contexto da segurança cidadã, uma vez que traduz a relevância das articulações em rede e a participação social para o enfrentamento às diversas violências.



UPC Cabana, Belo Horizonte/MG

## 2. Projeto de Qualificação e Empreendedorismo de Adolescentes e Jovens

O **Projeto de Qualificação e Empreendedorismo de Adolescentes e Jovens**, executado pela Supec (Subsecretaria de Prevenção à Criminalidade) e financiado por *recursos destinados através de Emenda Parlamentar da Deputada Estadual Laura Serrano*, se apresentou como um potencial fator de **proteção para a juventude** que mora nas áreas de abrangência da Política de Prevenção à Criminalidade. Foram ofertados vários  **cursos profissionalizantes de diversas temáticas**, além de um auxílio de custo para alimentação e transporte dos participantes, que ao final poderiam receber um certificado de conclusão.

Para além da participação do/da jovem no curso, a realização do projeto vai ao encontro às necessidades da comunidade acolhidas pelas Equipes Técnicas do PMC, que **demandam mais oportunidades**, *educação, empregabilidade, mais olhares atentos às suas vivências e às suas potências, mais escuta de sua juventude*. Possibilitar a capacitação profissional da população indicada pelo PMC reflete diretamente na pauta da prevenção às violências à medida que contribui na ampliação de novas trajetórias e novos espaços a serem ocupados. A partir da participação de jovens indicados pelas equipes do PMC o Programa Mediação de Conflitos pôde contemplar os **relatos de experiências** onde jovens participantes utilizaram das redes sociais para demonstrar os resultados obtidos, que perpassa pelo processo de aprendizagem e conhecimento, e suas expectativas para trilhar em diante.

Veja mais! <https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/jovem-consegue-primeiro-emprego-com-curso-disponibilizado-pela-politica-de-prevencao-a-criminalidade>

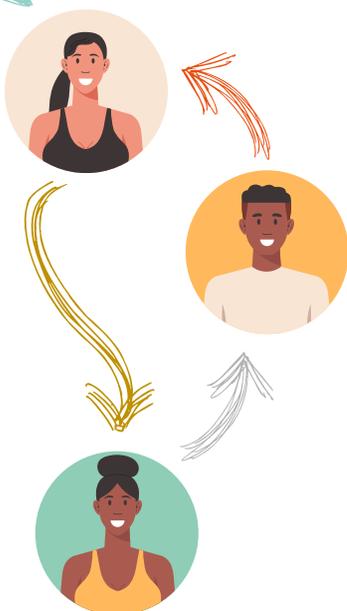




# ENCERRAMENTO



**Quando se fala em comunicação, fala-se, necessariamente, de troca, interação. Comunicar-se é dialogar, escutar, pensar, sentir, falar, organizar e transmitir ideias. Como a própria palavra sugere, comunicação é uma ação comum, é partilhar. (Guia Convivência Cidadã...)**



Esta publicação teve como objetivo inicial partilhar experiências e vivências, desafios e possibilidades da mobilização no campo da prevenção às violências e principalmente o papel importante da comunicação nesses processos.

A escolha por destacar a comunicação partiu do entendimento de que é por meio dela que mobilizamos vontades e possibilidades, que unimos interesses e necessidades, que construímos caminhos e novas ideias. E ao trazer a Comunicação Comunitária, reforçamos algo que é muito caro para o PMC: a voz e a participação de cada pessoa.

A partir de cada experiência, buscamos destacar a importância da participação social e da articulação de redes no contexto da segurança cidadã, e da contribuição da mobilização e da comunicação nesses processos. Além disso, vimos que a mediação comunitária, base de atuação do Programa, carrega princípios que buscam justamente promover meios pacíficos para a construção de estratégias coletivas para lidar com os conflitos e para o enfrentamento às violências. Logo, não há como se pensar numa atuação isolada e apenas institucional. Faz-se necessário garantir que os diferentes atores sociais envolvidos nas iniciativas participem das ações e se tornem corresponsáveis pela busca de soluções para o enfrentamento às violências.

Falamos de uma política pública construída não apenas para um determinado público, mas principalmente junto a ele, respeitando suas necessidades e peculiaridades, aprendendo e se reinventando também. Por isso, a fala de cada referência comunitária, morador, parceiro da rede e equipes técnicas retratam a importância da escuta sobre aquilo que faz cada lugar e pessoa serem únicos. E quando falamos em mobilização, de forma tão recorrente em nossas práticas, estamos necessariamente falando de comunicação.

Por fim, trazemos um convite: para que as reflexões compartilhadas aqui não se esgotem e nem sejam um fim, mas pelo contrário. Que sejam uma porta aberta para novas ideias e propostas, contando com os diversos saberes e potencialidades de cada um.

## Elementos importantes para o planejamento da mobilização a partir da comunicação comunitária:

- ▶ Analisar o contexto histórico, político, cultural e social da comunidade a intervir;
- ▶ Compreender os fatores de risco para a violência presente na comunidade;
- ▶ Consultar previamente, junto aos atores comunitários, se eles sentem a necessidade da intervenção, se desejam e se a permitem
- ▶ Construir uma estratégia desde as necessidades da comunidade e destinar-se a ela;
- ▶ Diagnosticar o estado das redes de relação e os instrumentos de comunicação em funcionamento e em desuso;
- ▶ Compreender e manejar os códigos próprios dos atores comunitários
- ▶ Ser congruente com as competências comunicativas próprias das pessoas;
- ▶ Produzir expressões comunicativas claras e simples para os participantes.

Tradução: **Modelo de comunicación estratégica para la prevención.**  
Serie: Comunicación estratégica para la prevención. (México, 2015)

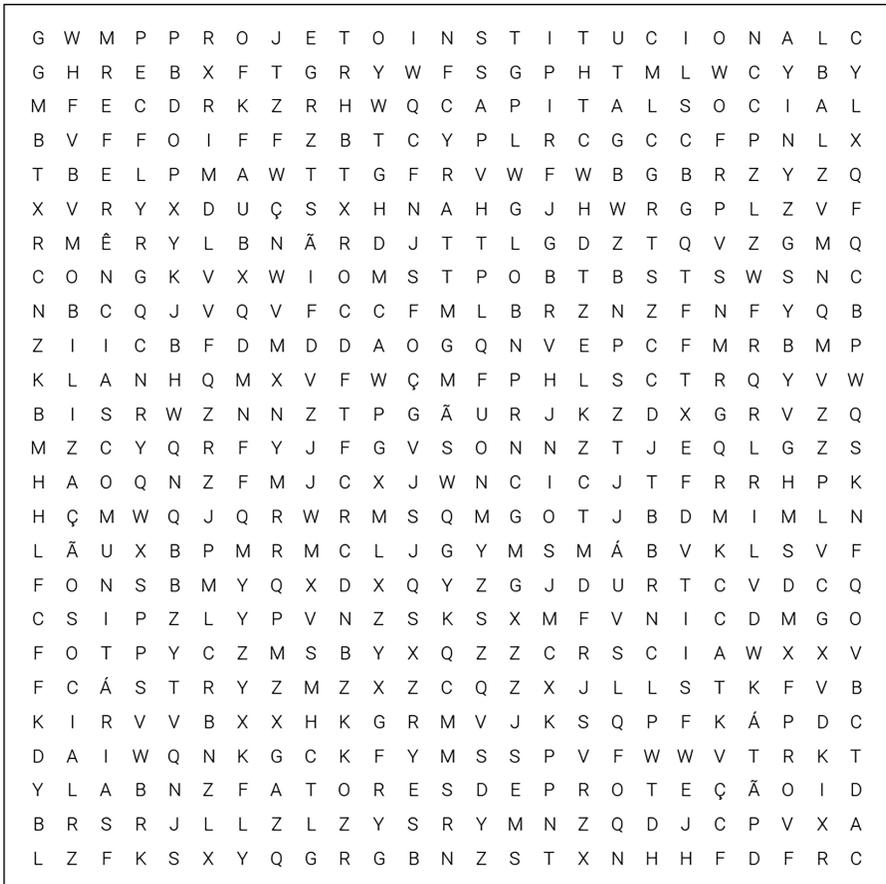




## Que tal fazermos um exercício de fixação sobre os temas que discutimos?

### Alguns conceitos abordados até aqui

As palavras deste caça-palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário.



- ▶ REFERÊNCIAS COMUNITÁRIAS
- ▶ FATORES DE RISCO
- ▶ FATORES DE PROTEÇÃO
- ▶ CAPITAL SOCIAL

- ▶ MEDIAÇÃO COMUNITÁRIA
- ▶ MOBILIZAÇÃO SOCIAL
- ▶ COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA
- ▶ PROJETO INSTITUCIONAL

## Referências

BARROS, Ana Karolina Almeida; CORREIA, Cecília Barbosa Macedo. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE MEDIAÇÃO COMUNITÁRIA. **Anais do Congresso de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social da Faculdade Processus**, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 121-126, nov. 2020. Disponível em: <http://periodicos.processus.com.br/index.php/acppds/article/view/270>. Acesso em: 22 jul. 2022.

FOLEY, Gláucia Falsarella. **Mediação comunitária para a emancipação social**. Mediação Comunitária. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HENRIQUES, Marcos Simeone. **Comunicação e mobilização social na prática de polícia comunitária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MAFRA, R. L. M. Mobilização social e comunicação: por uma perspectiva relacional. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 10, 2010.

PNUD. **Guia de Comunicação e Mobilização Social em Convivência e Segurança Cidadã**. Coletânea Guias de Gestão. Territorial Participativa. 2. ed. Brasília: PNUD, 2013.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 29, set. 2006, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: UNB, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/RO094-1.pdf>. Acesso em: 24 out. 2022.

ROSENFELD, Marina. As agências comunitárias de notícias. *In*: SINGER, Helena. Tecnologias do Bairro-escola: **Comunicação Comunitária**, vol. 3. 1. ed. São Paulo: Associação Cidade Escola Aprendiz / Fundação Itaú Social, 2011. v. 1. 123p.

TORO A., Jose Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização Social: Um modo de construir a democracia e a participação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

USAID. **Modelo de comunicación estratégica para la prevención**. Serie: Comunicación estratégica para la prevención. México, USAID. 2015.

## Lista de unidades / contato

Município	Unidade	Endereço	Telefone da UPC
Belo Horizonte	Cabana Pai Tomás	Rua São Geraldo, 110 – Bairro Cabana Pai Tomás Belo Horizonte/MG – CEP 30512-240	(31) 3321-3447
Belo Horizonte	Conjunto Esperança/Vila Cemig	Rua Atlanta, 10 – Bairro Conj. Vila Esperança Vila Cemig (Barreiro) – Belo Horizonte/MG CEP 30624-500	(31) 3381- 5712
Belo Horizonte	Conjunto Jardim Felicidade	Rua Tenente João Ferreira, 75 – Jardim Guanabara Belo Horizonte/MG – CEP 31742-365	(31) 3435-3569
Belo Horizonte	Jardim Leblon	Rua Inglaterra, 226 – Bairro Jardim Leblon Belo Horizonte/MG – CEP 31540-360	(31) 3451-3596
Belo Horizonte	Minascaixa	Rua Ronaldo Felipe de Sena, 23 – Bairro Minascaixa Belo Horizonte/MG – CEP 31610-450	(31) 3451-0309
Belo Horizonte	Morro das Pedras	Rua Gama Cerqueira, 1.117- Bairro Jardim América Belo Horizonte/MG – CEP 30421-372	(31) 3377-8657
Belo Horizonte	Pedreira Prado Lopes	Rua Marcazita, 238 – Bairro Aparecida (São Cristóvão) Belo Horizonte/MG – CEP 31230-730	(31) 3422-5693
Belo Horizonte	Primeiro de Maio/ Providência	Rua Doutor Benedito Xavier, 1065 Bairro Providência Belo Horizonte/MG – CEP 31810-434	(31) 3445-2026
Belo Horizonte	Ribeiro de Abreu	Rua Feira de Santana, 12 – Bairro Ribeiro de Abreu Belo Horizonte/MG – CEP 31872-040	(31) 3435-9583
Belo Horizonte	Santa Lúcia	Rua São Tomáz de Aquino, 538 Bairro Santa Rita de Cássia Belo Horizonte/MG – CEP 30330-530	(31) 3297-5975
Belo Horizonte	Serra	Rua Engenheiro Lucas Júlio Proença, 73, 2º andar Bairro Serra – Belo Horizonte/MG CEP 30220-350	(31) 3221-5990
Belo Horizonte	Taquaril	Rua Francisco Xeres, 120 – Bairro Taquaril Belo Horizonte/MG – CEP 30290-110	(31) 3483-2366
Belo Horizonte	Vila Pinho	Avenida Perimetral, 700, sobreloja Bairro Vila Pinho Vale do Jatobá (Barreiro) Belo Horizonte/MG – CEP 30670-195	(31) 3387-0102
Betim	Citrolândia	Avenida Doutor José Mariano, 743 – Bairro Citrolândia Betim/MG – CEP 32641-754	(31) 3531-2345
Betim	Jardim das Alterosas – 2ª Seção	Rua Cravina, 130 – Bairro Jardim das Alterosas 2ª Seção – Betim/MG CEP 32673-190	(31) 3595-4458
Betim	Jardim Teresópolis	Avenida Duque de Caxias, 401 Bairro Jardim Teresópolis Betim/MG – CEP 32681-630	(31) 3591-6940

Município	Unidade	Endereço	Telefone da UPC
Betim	PTB	Rua Perciliana Ana de Jesus, 214 – Bairro Guanabara Betim/MG – CEP 32667-098	(31) 3592-9419
Contagem	Nova Contagem	Rua VP-1, 1516, 2º andar – Bairro Nova Contagem Contagem/MG – CEP 32050-030	(31) 3392-8039
Contagem	Ressaca	Rua Iguaçaba, 115 – Bairro Vila Pérola/Ressaca Contagem/MG – CEP 32110-040	(31) 3357-7579
Curvelo	Tibira	Avenida dos Timbiras, 485 – Bairro Tibira Curvelo/MG – CEP 35792-096	(38) 3721-7661
Governador Valadares	Carapina / Querosene	Avenida Raimundo Albergaria, 31 – Bairro Santa Helena Governador Valadares/MG – CEP 35059-090	(33) 3225-6433
Governador Valadares	Turmalina	Rua Cedro, 580 – Bairro Turmalina Governador Valadares/MG – CEP 35052-805	(33) 3272-9838
Ipatinga	Bom Jardim		(31) 8425-2665
Juiz de Fora	Vila Olavo Costa	Rua Jacinto Marcelino, 25 – térreo Bairro Vila Olavo Costa Juiz de Fora/MG – CEP 36021-530	(32) 3235-1023
Montes Claros	Santos Reis	Rua Geraldino Machado, 785 Bairro Vila Áurea (Santos Reis) Montes Claros/MG – CEP 39400-807	(38) 3212-8116
Ribeirão das Neves	Justinópolis	Rua Bangu, 76 – Bairro Urca (Justinópolis) Ribeirão das Neves/MG – CEP 33902-130	(31) 3638-2427
Ribeirão das Neves	Sevilha/ Rosaneves	Rua Maria das Neves Figueiredo Carlos, 200 Bairro Sevilha (1ª Seção) Ribeirão das Neves/MG – CEP 33855-060	(31) 3624-3181
Ribeirão das Neves	Veneza	Rua Alexandre França, 490 – Bairro Veneza Ribeirão das Neves/MG – CEP 33820-040	(31) 3626-3078
Santa Luzia	Palmital	Avenida Etelvino Souza Lima, 2401 – Bairro Maria Antonieta Mello Azevedo (São Benedito) / Palmital Santa Luzia/MG – CEP 33140-000	(31) 3635-4647
Santa Luzia	Via Colégio	Rua Bahia, 782 – Bairro São Benedito (Via Colégio) Santa Luzia/MG – CEP 33125-400	(31) 3636-8725
Uberlândia	Jardim Canaã	Rua Betel, 332 – Bairro Jardim Canaã Uberlândia/MG – CEP 38412-434	(34) 3232-6144
Uberlândia	Morumbi	Rua Couval, 259 – Bairro Morumbi Uberlândia/MG – CEP 38407-387	(34) 3212-9188
Vespasiano	Morro Alto	Avenida Coletora Três, 90 Bairro Conjunto Habitacional Morro Alto Vespasiano/MG – CEP 33203-034	(31) 3621-1191



Programa  
**Mediação** de  
Conflitos

JUSTIÇA E  
SEGURANÇA  
PÚBLICA



**MINAS  
GERAIS**

GOVERNO  
DIFERENTE.  
ESTADO  
EFICIENTE.